

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA

**ENTRE O POPULAR E O ERUDITO: As lendas como representação do
Maranhão oitocentista**

Flávio Pereira Costa Júnior

Orientador: José Henrique de Paula Borralho

São Luís- MA

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA

**ENTRE O POPULAR E O ERUDITO: As lendas como representação do
Maranhão oitocentista**

Flávio Pereira Costa Júnior

Orientador: José Henrique de Paula Borralho

Monografia apresentada ao Curso de
História da Universidade Estadual do
Maranhão para obtenção do grau de
Licenciatura em História

São Luís- MA

2013

Costa Júnior, Flávio Pereira.

Entre o popular e o erudito: as lendas como representação do Maranhão oitocentista / Flávio Pereira Costa Júnior.– São Luís, 2013.

60 f

Monografia (Graduação) – Curso de História, Universidade Estadual do Maranhão, 2013.

Orientador: Prof. José Henrique de Paula Borralho

Entre o popular e o erudito: as lendas como representação do Maranhão oitocentista

Monografia apresentada ao Curso de
História da Universidade Estadual do
Maranhão para obtenção do grau de
Licenciatura em História

Orientador: José Henrique de Paula Borralho

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientador- José Henrique de Paula Borralho

2º examinador

3ª examinador

AGRADECIMENTOS

Estes agradecimentos têm como dedicação às pessoas especiais que estiveram na minha vida e também foram presentes de um modo ou de outro na confecção deste trabalho.

À Deus por absolutamente tudo.

Aos meus pais, Dona Marly e Seu Flávio que me oportunizaram e me incentivaram a jamais desistir e seguir em frente em busca do sucesso.

A minha irmã Mayana e ao meu irmão Fábio. Aos meus amados sobrinhos Verríssimo, Alana, Lucas, e como diz o provérbio espanhol: “ a quien Dios no le da hijos, el diablo le da sobrinos”.

Aos meus avôs, do qual tive a felicidade de conhecer a todos: D. Marly, D. Maria “Peteta”, Seu Genésio “Peré”, Seu Zequinha (In Memoriam). Aos meus tios: Lígia, Hélia, Ana Cristina, Valdenésio, Walber, Zé Filho.

Aos meus primos: Franklin, Leonardo, pela amizade desde sempre. À Lívia Milena que é como uma segunda irmã.

E pelos meus muitos amigos que Deus me deu e que sempre tiveram presente nos momentos da diversão, mas também nos tempos difíceis.

Ao Diogo Ferraro, que sempre está disposta para conversar, até quando é de madrugada não há problema para telefonar pra você. Depois de 10 anos de amizade tenho impressão que mudaste muito pouco. Nunca brigamos, não sei por que, já que tenho um temperamento muito forte. *Ao Eduardo Santos*, o cara que mais me incentivou na vida acadêmica e literária, por nossas conversas mais mirabolantes sobre as diversas teorias da literatura, da música, dos quadrinhos, da academia e de tudo. *Ronald Santos*, amigo de infância, do tempo que morava na rua 4. *Darlan Soares* o meu amigo mais antigo nas minhas memórias. *Ilka* a amiga mais antiga e confidente. *Mateus Cuba*, pela amizade desde jardim de infância, do tempo que a gente dançava a dança da cê-cedilha (hahaha). *Jonadab* pela contribuição nas boas discursões e pelo empréstimo de muitos quadrinhos quando eu era adolescente. À minha querida *Lauísa* pelo apoio, pelas conversas afetuosas, pelos concelhos e pelas dicas de saúde.

Dudu, Eduardo Castelo, Yuri Daniel, Eric Crow, Fabrício, Thyago Aires, Amanda Ramos, Daniele Wolf, Simone, Débora Martins apesar de poucos vê-los a amizade de vocês me são muito cara.

Também aos meus amigos que estudaram no CBP que mesmo depois de já termos entrado na universidade ou aqueles que já casaram ou trabalham ou estão “fazendo filho”, nunca diminuiu o carinho e a reciprocidade da alegria de estamos juntos: Tiago Balboa, Camila Andrade, Danielle Abrantes, Daniele Martins, Euzenir Freitas, Felipe de Oliveira, Flávio Viegas, Pedro Maciel, Renata Mondego, Marcelinho.

Na graduação tive a oportunidade de conhecer algumas pessoas maravilhosas e que seria muita injustiça de minha parte não citá-las: Camila Pereira, Marla Jéssica, Rakell Rays (com k e dois ls), Marla Rafaela, Raysa Dias, Alvaro Moreira, Paulo Arouche, Aimée, Dandara, Adriana Alcântara.

Ao Paulo Roberto pelo imenso carinho.

Especialmente ao povo do quarteto fantástico do qual eu fazia parte: Frankdene pela atenção e ser o mais sensato do grupo, além da inteligência sarcástica e pelas boas observações, escutando-me sempre nos momentos difíceis, pelo apoio em tudo. Ao Roberto que mesmo com seu “visu” de jovem, tem uma experiência vasta e contribuiu significativamente para me socializar e apesar de se fazer de difícil é um cara bacana. Ao Alex que nunca imaginei que essa amizade pudesse dar certo, mas sem sombra de dúvida foi quem eu mais convivi nesses quatro anos, e apesar das brigas a gente sempre se entende. Valeu cara.

À minha querida Reinilda, minha amiga Teresa Cristina, Josyleia pelo seu carinho, a Karla Fabíola pelo apoio, atenção e carinho, à Hellen Mello, à Iasmim Furtado. Ao Luis Fernando (o cara que segurou por quase dois meses 15 faltas e não reprovou!), ao Werbert Belo.

Aos meus companheiros do Centro Acadêmico, que com muitos esforços realizamos uma gestão em que preze pelo seu nome: com Transparência e Mudança.

À Maria das Neves, Sâmila e Bruno, que são pra mim mais que amigos, parentes. Aos meus amados irmãos na fé, da Igreja Batista do Cohatrac, em especial Píndaro, Eduardo Cardoso. Ao Vicente Madureira e Elisabeth Madureira. A Angela de Alves.

Aos meus professores do ensino fundamental e médio, mas fundamentalmente ao Marcelo Prazeres que me ensinou a amar a História. Ao Emílio Júnior que foi o meu professor de biologia e que sempre me ensinou mais do que a sala de aula. E aos colégios que passei: IAK, Escola Dom Quixote, CAC, Colégio o Bom Pastor foram fundamentais para minha formação. Além da turma de espanhol da PBF.

À Francineia Pimenta pelo sua alegria, pelo apoio e compreensão.

Aos meus professores da Universidade Estadual do Maranhão que me apoiaram que me ensinaram mais do que a sala de aula: Aniceto (certamente um dos professores que mais me influenciou), Júlia, Mônica, Gustavo, Ximendes, Helidacy, Fabio, Beth, Nielson, Milena, Eloy, Alan, Ana Livia, Adriana, Sandra, Tatiana. Ao Marcelo pela imensa ajuda que me deu nestes últimos tempos e por sua imensa paciência.

Segundo Eco é de mal grado agradecer ao orientador na monografia, isso porque o mesmo fez a sua obrigação. Concordo em partes com o filósofo, mas com Henrique é diferente. Mas que um orientador, foi um amigo que sempre que precisei esteve solícito pra conselhos, financeiro, pra o que fosse sempre esteve disposto. Desde segundo período foi meu orientador, permitiu que fizesse uma pesquisa ao meu gosto, que tem como resultado esta monografia. Sou muito grato a você.

À UEMA, em especial aos seus funcionários que contribuíram para alcançar a alegria de poder defender minha monografia, como Dona Roberta, seu Willian e Gleyce. A todos da PPG e da Biblioteca Central.

Ao CNPq por possibilitar as bolsas de iniciação científica por três anos, sendo que dois foram somente voltados para a pesquisa que resultou nesta monografia.

Aos integrantes do Núcleo de Estudos do Maranhão Oitocentista (NEMO).

Aos funcionários da Biblioteca Benedito Leite, do Arquivo Público do Maranhão, da Casa de Cultura Josué Montello, da Biblioteca do museu Domingos Vieira Filho, da Biblioteca Ferreira Gullar.

Ao Jomar Moraes não só por ter registrado as lendas, mas por ter me recebido educadamente para tratar do tema.

In Memoriam: meu amigo Afonsinho, Jéssica Machado, professor Linaldo Júnior, meu avô Zequinha.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	p. 10
2. Lendas e outras narrativas.....	p. 13
3. O uso das lendas para formação cultural de São Luís.....	p. 18
4. Lenda da Praia do Olho d'água.....	p. 24
5. Lenda do Palácio das Lágrimas.....	p. 35
6. Carruagem de Ana Jansen.....	p.41
7. A Manguda.....	p. 48
8. Conclusão.....	p.52
Referências.....	p. 54

1. INTRODUÇÃO

As lendas são narrativas literárias que possuem elementos que caracterizam a sociedade de forma que permitem aos historiadores se apropriarem das mesmas como fontes de pesquisas. Estas narrativas apresentam um conteúdo surreal ou mesmo onírico, mas ainda sim são fontes de pesquisas significativas. Esta pesquisa tem como objeto principal as lendas ludovicenses que representam o século XIX, em específico Palácio das Lágrimas, Carruagem de Ana Jansen, Lenda da Praia do Olho d'Água e a Manguda. A escolha de tais narrativas se dá em razão de seus conteúdos serem permeados pelos conflitos sociais como a relação de gênero, sociedade escravocrata e o imaginário religioso.

As lendas em geral vêm demonstrando a alma humana, em sua angústia, sabedoria popular e no seu conceito de explicar as coisas. Refletir sobre como estes elementos que estão implícitos e/ou explícitos são significativos para compreender a sociedade em que estão perpetuadas, é o problema central deste projeto de pesquisa. Além de entender a razão pela qual existem essas tradições orais, esta investigação se ocupará de analisar o sentido da própria vida explicado por outros métodos que não seja o acadêmico. E, igualmente, perscrutar as apropriações destas lendas por uma elite intelectual interessada em construir uma identidade maranhense, a partir de um viés cultural.

As lendas, apesar de serem uma narrativa que têm como característica um conteúdo surreal, devem ser encaradas pelo historiador como um documento histórico que tem sua real importância para se entender a história do Brasil.

Duas narrativas apresentam a relação de escravizadores e escravizados e como a moral social demarca os limites para tais, caracterizadas no século XIX. *A lenda da Carruagem de Ana Jansen e o Palácio das Lágrimas*. Nestas narrativas analisa-se como o conhecimento popular atribui sobre as questões raciais, sobretudo apontando como um sistema escravista foi perverso formando uma sociedade sequelada até hoje. E a apropriação da elite destas narrativas, no caso da lenda da Carruagem de Ana Jansen, pelo seu papel diferenciado para sua época (liderança feminina) e por ser símbolo do poder elitista do século XIX, sendo seus descendentes bastante influentes na política neste século e no XX; já a lenda do Palácio das Lágrimas foi devidamente utilizada pelo

Clodoaldo Freitas¹, representando a injustiça racial, a crítica ao português, além de uma crítica ao coronelismo da época (talvez inconscientemente).

A lenda da Ana Jansen, retrata a figura de uma mulher que foi muito importante no cenário político maranhense do século XIX. Relação de gênero desigual para a mulher, nesta sociedade, maior do que na atual, fez dela uma pessoa que se destacasse para seu tempo, já que superou essas barreiras e teve comando dentro da política da província do Maranhão, onde predominava uma sociedade patriarcal.

Analisa-se que a oposição política e a moral social não aceitaram que Ana Jansen fizesse parte da elite, já que além de vir de uma família pobre, teve filhos fora do casamento, e ficou por muito tempo sendo amante de seu futuro marido, o que a transformou numa figura lendária amaldiçoada. Esta será uma personagem central para vários autores no século XX, talvez por permear o imaginário popular insistentemente ou por ser esta figura de destaque por ser mulher.

A lenda do Palácio das Lágrimas tem como base o modo como deu a escravidão negra e o relacionamento afetivo entre senhor de escravo e as escravas e a descendência destes; e como se efetuava a herança para os filhos desta relação. Ademais, o temor do poder da feitiçaria dos descendentes de africanos que aterrorizava os senhores brancos.² Não muito recorrido como o é a outra lenda, foi tema de uma novela no começo do século XX³, no que se recorrerá também a análise em outros romances em que tratam da miscigenação racial como tema central, como é o caso do *Mulato* de Aluísio de Azevedo, a fins comparativos.

Lenda da Praia do Olho d'Água. Por diferentes elementos, percebe-se que é uma narrativa indianista, ou seja, não é uma história indígena, como num primeiro momento possa aparentar. Os elementos desta narrativa estão amalgamados com os diversos traços culturais do europeu, do africano e indígena também. A questão principal desta lenda é a apropriação dos elementos indígenas para se confeccionar história ligada à formação da identidade do brasileiro. Este foi um aspecto característico do movimento romantista dos oitocentos que ficou conhecido como indianista. No século XIX percebe-se todo um discurso na formação do Brasil, que vai estabelecendo

¹ *O Palácio das Lágrimas*- São Luis: AML/EDUEMA, 2008.

² Cf. VIERA FILHO, Domigos. *Folclore brasileiro*: Maranhão. Rio de Janeiro : FUNARTE, 1976.

³ FREITAS, Clodoaldo. Op.cit.

elementos que possam exaltar esta pátria, entre muitos, o silvícola foi bastante explorado. Será feito uma análise do discurso destes autores com o cerne desta lenda.

A Manguda. Trata-se de uma aparição fantasmagórica, mas que, entretanto era um grande estratagema de contrabandistas, que queriam afastar curiosos dos lugares em que estavam atuando na ilegalidade e que ficou impresso no imaginário popular por um bom tempo, ainda depois de se ter descoberto a farsa. Outra versão também trata da moral, pois afirmam que se tratava de padres que estavam interessados em manter relações sexuais, ou então mulheres que queriam ter casos extraconjugais. Esta narrativa apresenta dois cerne, dependendo de sua versão. Um sobre o aspecto econômico e como era feito para se burlar as autoridades para contrabandear; e outro no aspecto moralizante, indicando como indivíduos promíscuos poderiam se utilizar de sua esperteza para atingir seus objetivos escusos

A pesquisa realizada utilizou da leitura de livros, revistas, artigos provenientes da internet e comentários pessoais, bem como do uso da análise textual entre a diversidade dos contos e lendas ludovicenses apresentadas, buscando dessa forma um maior entendimento com relação aos objetivos propostos neste projeto. A pesquisa tem como base a consulta de obras de literatura universal e maranhense presente nos instrumentos de pesquisa, tais como: Biblioteca Pública Benedito Leite, Casa de Cultura Josué Montello, Centro de Criatividade Odylo Costa Filho, além de órgãos de guarda do acervo material e imaterial da cultura maranhense, tais como: Casa de Nhozinho, Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, Museu Artístico e Histórico do Maranhão. Além de pesquisar em obras da literatura, levou-se em consideração o levantamento de hemeroteca sobre os usos recorrentes das lendas maranhenses, suas formas de apropriação, utilização e re-significação por uma elite cultural.

As lendas ludovicenses têm um grande valor na formação cultural e identitária da cidade. Estes aspectos são a base que levou a realização dessa pesquisa.

2. LENDAS E OUTRAS NARRATIVAS

O que são lendas? Narrativas como conto de fadas, contos admonitórios e mitos não seriam a mesma coisa? Assim faz necessário conceituar estes termos que freqüentemente são confundidos e assim evidenciar o conceito de lenda que foi formulado a partir da análise de suas características comparadas aos gêneros literários semelhantes.

Contos de fadas como Chapeuzinho Vermelho, Gata Borralheira, João e o Pé-de-feijão são tradições orais em que se encontram elementos universais. Como por exemplo, perceber-se que nenhuma das personagens nesta modalidade de história possui nomes próprios. São conhecidos pelos adjetivos que mais lhe estão evidentes: Chapeuzinho Vermelho, por sempre estar com esta indumentária (curiosamente se trata de uma vestimenta parecida com um gorro, sendo que em Portugal é conhecida por Capuchinha Vermelha); Branca de Neve e a Bela Adormecida são outros exemplos. Mesmo quando um destes personagens tem nome próprio, seu nome é comum, como João e Maria. Isto ocorre não é por acaso, pois é o modo de fazer o ouvinte destas narrativas se identificarem com os heróis do conto.

Diferente do *mito* em que as personagens são conhecidas com muitos detalhes e suas descendências também, de forma que seu nome não poderá ser esquecido, por exemplo: Urano, pai de Saturno, e este, pai de Júpiter. Deste modo não é interesse neste tipo de narrativa que o ouvinte venha se identificar com estas personagens, mas que estas sejam veneradas.

As personagens nos contos de fadas diferem-se da *fábula* e da *parábola*, por estas últimas se tratarem de histórias admonitórias em que estão permeadas de lições morais que devem ser seguidas.⁴

Nos contos feéricos o personagem principal não tem necessariamente que ter uma boa conduta, mas sim ser apreciado pelos que escutam tal história, sobretudo as crianças que não estão inclinadas a gostar das personagens que representariam o bem ou o mal, mas sim, o que sai vitorioso no final da narrativa⁵. Por exemplo, em João Pé-de-

⁴ São *contos admonitórios* a fábula, a parábola e o apólogo, diferenciando-se pelos personagens presentes nestas narrativas como animais, pessoas e objetos, respectivamente.

⁵ Cf. BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

Feijão, este sobe pelo pé de feijão mágico, rouba o gigante e quando este vai atrás do ladrão, João corta a planta no momento que o gigante desce por ela, matando-o. Para o mundo moderno o personagem principal cometeu latrocínio, roubo seguido de morte. Nem por isso a criança vem a se escandalizar e deixa de torcer pelo João.

Os contos de fadas, antes de serem apropriados pelas indústrias cinematográficas, sobretudo pelo Walt Disney, eram histórias cheias de canibalismo, incesto, mortes hediondas, estupros e etc. Pois essas narrativas não eram voltadas para o público infantil como o é hoje.⁶

Como fonte oral, este tipo de narrativa é significativamente rico, pelo que conserva como memória das características históricas e sociais local. Narrativas estas que foram registradas em escrita pelo menos no final do XIX, e é interesse desta pesquisa estas obras que se apropriaram desta linguagem oral.

As lendas do século XIX têm fundamental importância como representação dentro do imaginário social na formação da identidade ludovicense. Enquanto as lendas coloniais têm como temática a legitimação portuguesa sobre a colonização da região onde será São Luis⁷, as que têm como temática o XIX, tem diversos aspectos de uma sociedade que vai se reafirmando com uma identidade própria ao ponto até mesmo de negar sua fundação portuguesa, privilegiando um marco que se refere à chegada dos franceses a Ilha (1612). Será analisado, neste projeto monográfico, quatro lendas que representam o oitocentos: A lenda de Ana Jansen, a Lenda da Praia do Olho d'Água, o Palácio das Lágrimas e a Manguda.

Entretanto, ainda que tenha a função de ser memória, dificilmente se pode datar com precisão uma lenda, pois não é o cerne deste tipo de história (a sabedoria popular somente atribui o tempo de “antigamente”). Mas é possível a partir de análises metodológicas perceber que a confecção das mesmas está se referindo a um determinada conjectura (ainda que seja vago como: colônia, império ou república), a partir dos elementos apresentados.

⁶ Cf. CARTER, Angela. *A menina do capuz vermelho e outras histórias de dar medo*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das letras, 2011. Mesmo nos irmãos Grimm, ainda que estivessem já no intuito de se oferecer os contos feéricos às crianças, há cenas de atrocidades, como canibalismo e mortes trágicas, ainda que não haja sexo explícito (GRIMM, Jacob, 1785-1863. *Contos dos irmãos Grimm*. Organizado, selecionado e prefacionado pela Dra. Clarissa PinkolaEstés;- Rio de Janeiro: Rocco, 2005).

⁷ Por exemplo o Milagre de Guaxenduba e Milagre de São João Batista, que tem como personagens sagrados os santos que intervêm nas batalhas em favor do lusitano contra os franceses e holandeses, respectivamente.

As lendas fazem parte do patrimônio histórico local⁸, sendo comuns os meios de divulgações turísticas e culturais apresentarem como tal, ainda que os escritores anteriores ao decênio de 1980 não usassem o termo patrimônio⁹ (nesta conjectura é recorrente se utilizar folclore). Isso ocorre pela característica de representar a sociedade em que está inserida. O que é bastante explorado pelas agências de turismo¹⁰.

Curiosamente não é possível — assim como nos mitos — se identificar a origem das lendas. E com certeza muito dessas narrativas não tem origem na região em que está caracterizadas como *folclore local*.

Curioso é observar o percurso, muitas vezes longo, que as lendas fazem, como ocorreu no Nordeste brasileiro, para onde foi transplantado todo um ciclo de lendas medievais que ali se enraizaram e se desenvolveram como se originalmente pertencesse a esse meio cultural.

Para isso precisaram passar por todas as fases do processo de fixação geográfica, *incorporando elementos locais, adaptando aspectos originais, até atingir, sob o ponto de vista conteudístico, uma configuração capaz de possibilitar-lhes vida e permanência no meio social para que se transpuseram.*¹¹

As lendas são narrativas que estão ligadas a fatos reais e históricos com eventos sobrenaturais,¹² exemplifica-se: Ana Jansen foi uma das mulheres mais influentes na

⁸ Cf. LEMOS, Carlos. Patrimônio Cultural. In:_____. *O que é patrimônio histórico*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

⁹ ALCOA ALUMÍNIO(MA). *Maranhão*. São Paulo: Alcoa Alumínio, 1981. FREITAS, Simone M.R. *Lendas do Maranhão* – São Luis: BPBL, 1979. MARQUES, Wilson. *Quem tem medo de Ana Jansen?* – São Luis: [s.n], 2001. MEIRELES, Mário M. *História do Maranhão* — São Paulo: Siciliano, 2001. MORAES, Jomar. *Guia de São Luis do Maranhão- 2.ed.* São Luis: Legenda, 1995. REIS, José de Ribamar Souza dos. *Folclore maranhense*, informe—São Luis: | s.n], 2004. VIEIRA FILHO, Domingos. *Folclore brasileiro: Maranhão- Rio de Janeiro* : FUNARTE, 1976. *Folclore do Maranhão ---* São Luis: [s.n], 1976. Além do mais ficou bastante evidente essa característica patrimonial em uma mesa-redonda que foi apresentada no II ENCONTRO MUNICIPAL DE HISTÓRIA EM ALCÂNTARA. Este evento foi organizado por graduandos do curso de história da Universidade Estadual do Maranhão em prol dos estudantes secundaristas da cidade de Alcântara. O tema do trabalho que apresentei foi “Duas lendas alcantarenses e duas lendas ludovicenses”. O Encontro tinha como proposta o incentivo aos estudantes de ingressarem em uma universidade, mas também estava ligado a um “despertar” da conscientização histórica. Ao decorrer do evento ficou muito patente (entre graduandos e estudantes) a importância do patrimônio como fonte identitária dos cidadãos e logo como algo a preservar para manter as características daquela cidade. Assim além do tambor-de-crioula, da festa do Divino, e dos casarões histórico; as lendas também ficaram evidenciadas como parte deste patrimônio. “Como isso é nosso”, e não de outrem, “isso nos representa”. Foi significativo, quando uma estudante leu ao público, meio que trêmula pelo nervosismo, uma narrativa da cidade conhecida como *lenda do poço de Nazaré*.

¹⁰ Cf. *Lendas*. Disponível em: < <http://www.turismo.ma.gov.br/pt/>>. Acesso em: 12 de jan. de 2012 às 00:30. *Cultura maranhense: lendas e mistérios do Maranhão*. Disponível em: < <http://www.turismo-ma.com.br/>>. Acesso em: 12 de jan. de 2012 às 00: 33.

¹¹ MORAES, Jomar. *O rei touro e outras lendas maranhense*. São Luis: SIOGE, 1980. p.9.(grifo nosso) Em entrevista concedida a nós, o Moraes enfatizou a questão de as lendas terem origens diversas e ganharem a “cor local” (Jomar Moraes, 71 anos, entrevista concedida em 27 de jun. de 2011).

¹² REIS, José Ribamar Souza dos. *Amostra do populário maranhense: lendas crenças e outras histórias da tradição oral*. São Luis: [s.n], 2008, p. 23-26. MORAES, Jomar. *O rei touro e outras lendas maranhenses*. São Luis: SIOGE, 1980, p. 11. MEGALE, Nilza B. *Folclore brasileiro*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999,

política do século XIX no Maranhão (fato histórico), mas que segundo a lenda, depois de sua morte, para expiar seus pecados, vaga pelas ruas do centro histórico de São Luis, em uma carruagem com cavalos e escravos decapitados (eventos sobrenaturais). Mas este conceito clássico exclui personagens que são tipicamente considerados nesta modalidade de narrativa: saci-pererê, mula-sem-cabeça, curupira, que não têm, aparentemente elementos históricos.

Para alguns, estes personagens estão retratados em outro tipo de tradição sobrenatural: o *mito*¹³. Porém, este tipo de narrativa tem personagens divinizados o que não poderia estar relacionado ao saci ou a mula-sem-cabeça, que não perfilam esse caráter. Segue esta citação como definição de mito:

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a *ser*. O mito fala apenas do que *realmente* ocorreu, do que se manifestou plenamente. **Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais.** Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios”. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a **sacralidade** (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras.¹⁴

Assim, mula-sem-cabeça, saci e o Dragão da Baía de São Marcos são lendas, pois “elas narram acontecimentos que não alteram a condição humana e estão ligados a heróis, não a divindades”¹⁵. Ademais, a característica fundamental de diferenciação entre lenda e mito é que este último é necessário se ter o rito (que é a práxis), e nas palavras de Eliade a “re-atualização”, pois assim foi feito no “princípio” pelos Entes-sobrenaturais. E o mito conta a história do tempo sagrado, do tempo fabuloso, do “princípio”, enquanto a lenda somente se refere ao tempo profano, em que a memória popular atribui como o “antigamente”.

p. 50-51. Além de estar evidenciado em duas obras de Cascudo a partir dos tipos de narrativas apresentada em cada uma: *Geografia do mito brasileiro*. São Paulo: Global, 2002. *Lendas Brasileiras*. São Paulo: Global, 2001.

¹³ Isso está evidenciado por Cascudo, quando se observa o título de sua obra e as narrativas copiladas em cada uma delas: *Geografia do mito brasileiro* - 3 ed. – São Paulo: Global, 2002. E, *Lendas Brasileiras* – 7 ed. – São Paulo: Global, 2001. Curiosamente as narrativas da Mãe d’Água são apresentadas como mito e lendas, estando presente nos dois livros.

¹⁴ ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002, p. 11 (grifo em itálico do autor e grifo em negrito nosso).

¹⁵ SILVA, Márcia Regina de Faria da. *O trágico nas Heróides de Ovídi*. Tese (Doutorado em Letras Clássicas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2008, p 36-37.

Porém algumas lendas têm como personagens os santos, que pela lógica estariam relacionados ao religioso (mito). Esta é a exceção à regra, pois o termo lenda vem de *legenda* (aquilo que deve ser lido) e estava referindo-se as histórias dos santos. Porém, este conceito foi se modificando e tornou-se abrangente, mas manteve o cunho legendário dos santos.

O mito é uma “história real” (pois há quem de fato acredite que assim foi). Os contos de encantamento, fábulas e parábolas são considerados como “histórias falsas” (todos sabem que não aconteceram de fato)¹⁶. E por fim, a lenda é uma “história que possa vir a ser verdadeira” (são narrações que se põe em dúvida se aconteceu ou não).

Observa-se que algumas lendas são narradas como se fossem fenômenos (como é nos casos da Ana Jansen que aparece toda sexta-feira em sua carruagem no centro histórico de São Luís, e da assombração da Manguda) e outras que apresentam um enredo com meio, princípio e fim (como é caso da lenda do Palácio das Lágrimas e da lenda da praia do Olho d’Água).

Assim, apesar de suas semelhanças, sobretudo pelos caracteres surreais que estão nas narrativas, mitos, contos de fada, contos admonitórios (fábula, parábolas, apólogo) e lenda, têm sido confundidos. No entanto, cada um tem sua especificidade, e todos tem contribuição para a pesquisa em história.

¹⁶ Cf. ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002, p. 13.

3. O USO DAS LENDAS PARA FORMAÇÃO CULTURAL DE SÃO LUÍS

É perceptível como as lendas são bastante recorrentes na literatura e na mídia ao longo do tempo em São Luis. Assim a lenda da Manguda já é apresentada por alguns jornais no final do XIX, infelizmente todos os autores que tratam desta lenda somente afirmam que haviam jornais a tratar deste assunto, mas não nos informa qual(is) o (s) jornal(is) e a(s) data(s) do(s) mesmo(s). No começo do século XX, Clodoaldo Freitas¹⁷ trata da lenda do Palácio das Lágrimas, numa versão muito interessante e que estava intimamente ligada ao período do começo da República, porém como se estivesse “disfarçado” (ou inconsciente) de escravismo no tema. Fernando Perdigão também tratou do tema.¹⁸ Astolfo Serra trata da lenda de Ana Jansen¹⁹. Mas sem sombra de dúvida o autor mais importante que transcreveu diversas lendas, ainda que tenha priorizado o seu município de nascença foi o alcantareense Inácio Raposo²⁰. Das cinco lendas ludovicenses que escreveu, duas são referentes ao século XIX. Outro autor que trata de lendas, inesperadamente, é Jerônimo de Viveiros que apresenta a narrativa da Manguda como um grande estratagema de contrabandistas.²¹ Além do mais outro autor fundamental que vem a contribuir com a formação de uma concepção de lendas ludovisenses é o folclorista Domingos Vieira Filho.²² Este autor apresenta a lenda da Praia do Olho d’Água além da sua versão sobre as outras três lendas já referidas. Outros autores são Simone Freitas²³, Josué Montello, Stella Leornados, Bandeira Tribuzzi e Jomar Moraes²⁴. Além do decênio de 1990 se perceber que há uma diversidade de

¹⁷ FREITAS, Clodoaldo. *O Palácio das Lágrimas*- São Luis: AML/EDUEMA, 2008

¹⁸ CORRÊA, Helidacy M. M. *São Luis em festa: o Bumba-meu-boi e a Construção da Identidade Cultural do Maranhão*. São Luís: edUEMA, 2012.

¹⁹ SERRA, Astolfo. O carro de D. Ana Jansen. In. MORAES, Jomar (org.). *Ana Jansen, rainha do Maranhão*. São Luis: AML, 1991

²⁰ Segue a lista de artigos sobre lendas ludovicenses do XIX que Raposo registrou: A lenda do Palácio das Lágrimas --- *Diário de São Luiz* – São Luis, 27 de dez. de 1949. p. . O carro misterioso que sai do cemitério --- *Diário de São Luiz* – São Luis, 05 jan de 1950. p. 4

²¹ VIVEIROS, Jerônimo. *História do comércio do Maranhão- 1896-1934*. São Luís, [s.n.], 1964.

²² VIEIRA FILHO, Domingos. *Folclore brasileiro*: Maranhão- Rio de Janeiro : FUNARTE, 1976. *Folclore do Maranhão* --- São Luis: [s.n], 1976

²³ *Lendas do Maranhão* – São Luis: BPBL, 1979

²⁴ MORAES, Jomar (org). *Ana Jansen, rainha do Maranhão*- São Luis : AML, 1991. *Guia de São Luis do Maranhão*- 2.ed. São Luis: Legenda, 1995. *O rei touro e outras lendas maranhenses*- São Luis: SIOGE, 1980. Josué Montello, Stella Leornados são citados pelo Moraes. Já Bandeira Tribuzzi, refere-se as lendas no hino da cidade: Louvação a São Luis.

referências as narrativas supracitadas por meios de enredos carnavalescos e por autores de livros infantis, como Marques²⁵ por exemplo.

Qual o interesse da divulgação destas narrativas por uma elite intelectual? O que as lendas representam para os mesmos? É fundamental entender o processo em que não somente as lendas, mas a cultura popular maranhense começa a fazer parte do interesse dos intelectuais, de maneira a formar uma identidade cultural do Maranhão. Assim autores como Celso Magalhães e Antonio Lobo voltaram-se para a questão da cultura popular ou folclore, este último termo mais usado até pelo menos a década de 1980.

Identificada a construção alegórica de Atenas, situada a emergência dos estudos sobre cultura popular, localizei as implicações conjunturais promotoras dessa mudança de eixo temático – do erudito para o popular – desencadeada pelas conjunturas sociopolíticas, do final do século XIX. Assim, sob a superfície desse movimento, deparei-me com a Abolição da escravatura e a inserção das ideias fundadoras da nação, tais como natureza, raça, meio, cultura e civilização.²⁶

Helidacy Corrêa vai analisar através dos escritores maranhenses como a formação identitária cultural maranhense vai ser formada por segmentos sociais, que integravam a elite cultural local, que tinham acesso aos veículos de comunicação, ao fomento e mesmo o apoio do governo. A pesquisadora tem como cerne o bumba-meu-boi, folguedo bem característico do Maranhão, ainda que seja manifestado em outras regiões do Brasil²⁷, mas que será identificado como a expressão máxima da cultura local.

Porém antes desta ideia de um Maranhão folclórico do bumba-meu-boi, havia se constituído uma outra, em especial em sua capital. São Luís teria sua mítica característica de ser a Atenas Brasileira (terra dos poetas e intelectuais), onde se fala melhor o português²⁸ para além de completar esta tautologia, de ser a Manchester Brasileira (por ter um grande número de fábricas e por ser a 4ª maior cidade no começo do oitocentos), e a Mulata francesa (idéia de fundação francesa nos trópicos). Estas

²⁵ MARQUES, Wilson. *Quem tem medo de Ana Jansen?* – São Luís: [s.n], 2001

²⁶ CORRÊA, Helidacy. op. cit., p. 26.

²⁷ Cf. ARAÚJO, Alceu Maynard. *Brasil, história, costumes e lendas*. São Paulo: Editora Três Ltda, 2000. “Bumba Meu Boi [em nota do editor diz que o original deste verbete era com hífen]: Boi-Calembra, Bumba (Recife), Boi de Reis, Boi-bumbá (Maranhão, Pará, Amazonas), Três-Pedaços (Porto da Rua, Porto de Pedras) em Alagoas, Folguedo do Boi, Reis do Boi em Cabo Frio, Estado do Rio de Janeiro (Macedo Soares), sendo a primeira denominação a mais vular e geograficamente conhecida” (CASCUDO, Luis Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2012)

²⁸ Cf. BORRALHO, Henrique. *A ATHENAS EQUINOCIAL: a literatura e a fundação de um Maranhão no Império brasileiro*. São Luís: Edfunc, 2010.

concepções elitistas estavam diretamente ligadas a uma formação identitária a Europa, em sua “civilidade”.²⁹

Porém, a partir do final do XIX, primeiramente por Celso de Magalhães começou a se perceber outro tipo de cultura e que estava diretamente ligada com a identidade popular. Estas concepções se desenvolveram na metade do século XX e foi realizada por intelectuais:

A partir desse momento, as ideias de raça e natureza, cultura e civilização, nação, tradição e identidade, formuladas e debatidas em âmbito nacional, de alguma maneira adquiriram formas nas obras de diversos intelectuais locais, como por exemplo, o poeta sertanista Catulo da Paixão Cearense (1863-1946), Humberto de Campos (1885-1934), o português e jornalista Fran Paxeco (1874-1952), o professor e cronista Raul Astolfo Marques (1876-1918), o jurista Godofredo Viana (1878-1944), Inácio de Viveiros Raposo (1875-1945), Antonio Lopes (1889-1950), Raimundo Lopes (1894-1941), Aquiles Lisboa, o folclorista, poeta e jornalista Fulgência Pinto (1894) e posteriormente, Rubem Ribeiro de Almeida (1896-1979), o jornalista Mata Roma (1894-1944), Jerônimo José de Viveiros (1884), Astolfo Serra (1900), o folclorista Domingos Vieira Filho (1923-1981), entre outros.³⁰

A cultura popular ou folclore, torna-se um aspecto importante na formação que se vai conceber ao longo do século XX sobre o Maranhão (ou da maranhensidade), por aqueles que Helidacy Corrêa descreve como “mediadores da cultura popular”.

O folclore passa a ser mais um instrumento de outra identidade maranhense. Aos poucos, vai-se construindo, paralelamente ao velho, porém, sempre constante, mito de Atenas uma outra identidade por meio do folclore. E, mais uma vez, essa identidade é reconstruída pelos intelectuais que se tornam os mediadores desse debate³¹

As lendas maranhenses têm aspectos fundamentais para a formação dessa maranhensidade. Seu aspecto histórico e identitário denota conotações que permitem observar entre o erudito e o popular. Erudito por apresentar uma relação direta com a elite local, como temas relacionados ao escravismo, os prédios históricos, a elite em si, a formação literária, e tudo isso está imbuído sobretudo nas lendas analisadas, por estarem rementendo ao período que mais é referido pelos intelectuais, que é o século XIX. Este período é da formação da ideia de Atenas, já que é o momento dos grupos literários e os seus personagens protagonistas desta riqueza cultural: Sotero dos Reis,

²⁹ A identidade da cidade chega a negar sua origem lusitana para privilegiar uma origem francesa. Já que o símbolo maior e assim de destaque da cultura europeia é a França. Ligar-se a mesma é indicar que a formação de São Luís é a partir da “melhor cultura” e não da portuguesa que a apesar de europeia é a “prima pobre” do continente, além de que culturalmente o português não é bem visto pelos brasileiro. Cf. LACROIX, Maria de L.L. *A fundação francesa de São Luís e os seus mitos*. São Luís: Edufma, 2008.

³⁰ CORRÊA, Helidacy. Op. cit., p. 55-56

³¹ Idem, op. cit., p. 85.

Henriques Leal, Francisco Lisboa, e aquele que Henrique Borralho vai chamar de “a pedra angular da Athenas brasileira”, Gonçalves Dias. Estes indivíduos, mis do que personagens da história do Maranhão, tornaram-se patrimônio, pois são alicerces de sustentação dessa memória, dessa identidade singular. O romantismo é símbolo desta geração, assentado em sua “pedra angular”, que trouxe o indígena como imagem desta terra e que está presente também romanticamente na lenda da Praia do Olho d’Água. Além dos casarões históricos, que estão ainda de pé lembrando este período áureo, mostrando como testemunha em artefato o que foi esta glória. Mas este o que “foi” é palavra chave. Pois dentro dessa questão parece que São Luís vai decaindo, torna-se um verdadeiro lamento.

Estes velhos sobrados da Praia Grande, quase todos de pedra e cal, muitos deles revestidos de azulejos portugueses, com paredes de uma braça, janelas retangulares, beiral saliente, portais de cantaria lavrada, mirante aberto para a baía de São Marcos, estes velhos sobrados, Mestre Severino, estes velhos sobrados começaram a morrer.

Basta olhá-los de relance, no ermo das ruas refulgentes de sol, para reconhecer, com tristeza, que todos eles, a um só tempo, entraram em agonia. Num relance, ao confrontar o passado com o presente, a memória recompõe ali os dias de outrora, não muito distantes, e uma sensação opressiva de decadência como que se desprende dos casarões imponentes. [...] *No entanto, malgrado essa aparência de animação cotidiana, os velhos sobrados têm vida breve, e todos eles, como as velhas árvores, vão morrer em pé.*³²

Não seria a voz do próprio Montello, fazendo Mestre Severino falar por ele sobre a agonia que é o centro histórico de São Luís? Pois está também na lenda do Palácio das Lágrimas, prédio que até onde consta jamais foi habitado, no que proliferaram diversas narrativas do que poderia ter ocorrido. E a ligação com o íntimo daquela sociedade, da vida privada, sobretudo nas questões sexuais, amorosas e de maus tratos aos escravos.

*A poesia das lendas, que floresce melhor nas ruínas, há de persistir na Praia Grande, habitando ainda alguns de seus sobrados, depois que se extinguiu de todo a palpitação de vida antiga que lhe assinalou o prolongado esplendor. Gemidos de escravos, correntes arrastadas, uma porta que bate sem motivo, o rumor de passos errados na calada da noite, alguém que galga correndo uma escada escura, a pilha de pratos que de súbito despenca e se estilhaça, em meio a um sussurro de vozes ásperas, há de ouvir-se por largo tempo, no interior vazio destes sobrados de antanho, naturalmente propícios aos fantasmas penitentes, que sempre preferiram os escombros e as casas abandonadas.*³³

³² MONTELLO, Josué. *Cais de Sagração*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p.243, grifo nosso.

³³ Idem, op. cit., p. 245, grifo nosso

A Ana Jansen como lenda é a própria identidade elitista. Riqueza, oligarquia, mandonismo, além de uma diversidade de história que conta seus caprichos. Símbolo da testemunha viva na memória popular de que houve um momento de glória do XIX. Também pelo fascínio de ser mulher e transpassar estereótipos sociais de sua época, tornar-se mais um elemento atrativo desta narrativa.

A Manguda, ligada diretamente as relações comerciais da época, demonstra o contrabando e seus aspectos sociais de moralidade ligado a infidelidade cristã dos padres.

Por outro lado, as lendas possuem o seu aspecto popular. Mantidos por uma memória coletiva³⁴, sua formação é espontânea, não possui datação. Sua primeira forma é oral e posteriormente pode ser transcrita por aqueles que se interessam pelo seu saber ou mesmo conservá-la. Uma forma não-acadêmica de se perpetuar a memória de uma sociedade preservando-a mediante formas populares. Assim cada um das lendas analisadas tem essa característica. Ana Jansen e o Palácio das Lágrimas são a retratação de uma elite escravocrata que era bastante cruel com seus escravos, além de seu aspecto do âmbito da afetividade e da relação de gênero. A lenda da Praia do Olho d'Água demonstra o conhecimento de que antes dos colonizadores europeus Upaon-açu não estava por ser descoberto, outros povos já haviam encontrado-a e assentado moradia e a ausência dos ancestrais destes povos (os indígenas) no lugar externaliza o extermínio que os mesmos sofreram, além de também demonstrar que havia uma sociedade diferenciada da ocidental e que estava vinculada de forma inseparável com a natureza. A Manguda expressa uma ambigüidade curiosa ao indicar a esperteza do maranhense para burlar as leis do estado ou mesmo, em outra interpretação, os padres poderiam praticar o adultério ou a sexualidade que não lhes eram permitido, utilizando-se em ambos casos da estratégia de se disfarçar de fantasma. Mas por outro lado, se valer do risível, indicando a superstição e medo da população acerca de “almas penadas”, e nesta inocência chegam a literalmente morrer de medo, como foi o caso do sentinela que pensou ter visto a Manguda, caso referido por Jerônimo de Viveiros.³⁵

³⁴ Cf. HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

³⁵ *História do comércio do Maranhão- 1896-1934*. São Luís, [s.n.], 1964.

Assim, as lendas ludovicenses têm esse caráter dúbio de expressar culturalmente dois eixos opostos: a de uma elite ou do erudito, que apresenta um aspecto firmado nas tradições livrescas e que vem de uma formação ocidental com parâmetros europeus, e por outro lado, tem seu caráter popular com memória daqueles que se baseiam nas expressões da oralidade, da tradição.

4. LENDA DA PRAIA DO OLHO D'ÁGUA

Onde hoje é a praia do Olho D'Água, uma das mais visitadas de São Luis, segundo uma lenda, havia uma tribo indígena no local. Nesta tribo tinha um líder que chamava-se Itaporama. Este tinha uma jovem filha que era a mais bela do lugar. Esta se apaixonou por um mancebo da tribo. Mas por infelicidade da jovem índia, a Mãe-d'Água (a Iara) também se apaixonou pelo rapaz. O que fez com que a Mãe d'Água o arrebatasse para seu reino no fundo do oceano. A filha de Itaporama não se conformou com a perda e ficou a beira mar a chorar pelo seu amado. E passou dias a fio sem se alimentar, sem beber nada, até que um dia definhou e morreu. Tupã compadecido da jovem índia, fez com que nascessem duas fontes de rios das lágrimas da pobre jovem índia. Estes rios existem até hoje.³⁶

Esta seria uma narrativa indígena?

O colonizador, tanto o lusitano e o francês, não encontraram o “Maranhão” desabitado. Já estavam no local os tupinambás comandados pelos seus líderes, os morubixabas. Os franceses foram os primeiros a tentar colonizar a Upaon-açu, liderados por Daniel de La Touche, senhor de La Ravadière.³⁷ Sua intenção era formar a França Equinocial. E para tanto teve os indígenas como aliados, sobretudo porque estes odiavam os perós (portugueses).³⁸

A colonização de São Luís não foi nenhum momento indolor. Necessitando de mão-de-obra o colonizador português escravizou o indígena. Os escravocratas entraram em disputa, pois desejavam que o “negro da terra” (como era chamado o indígena) estivesse em sua lavoura, por outro lado, os jesuítas combatiam pela “liberdade” deste

³⁶ O texto mais antigo que encontrei referindo-se a esta narrativa é: VIEIRA FILHO, Domingos. *Folclore brasileiro*: Maranhão- Rio de Janeiro: FUNARTE, 1976. Esta lenda não varia nas diversas versões analisadas, por isso preferir apresentá-la com minhas próprias palavras. Infelizmente não tive contato com o livro do Fulgêncio Pinto do qual o Vieira Filho cita.

³⁷ Na verdade, houve tentativa pelos portugueses, mas que sempre rumavam para o fracasso, sendo que por um bom tempo os franceses freqüentaram por um tempo a costa do Maranhão, antes de se decidirem pela colonização efetiva.

³⁸ GODÓIS, Antônio B. Barbosa de. *História do Maranhão para uso dos alunos da Escola Normal* – 2.ed.- São Luis: AML/EDUEMA, 2008. MEIRELES, Mário M. *História do Maranhão* — São Paulo: Siciliano, 2001. AMARAL, Ribeiro do. *Fundação do Maranhão* :[memória histórica]- 2.ed.- São Luis: AML/EDUEMA, 2008.

indígena para sua catequização. Essa dualidade na visão do colonizador não passou despercebida pela historiografia tradicional. Um dos episódios consagrados por esta historiografia foi a Revolta de Beckman,³⁹ ligado a este primeiro momento de colonização que estava imbricada nesta disputa do colonizador.

O fato é que mesmo depois da abolição da escravidão indígena, estas pessoas não ficaram no deleite da paz.⁴⁰ O resultado foram massacres, preconceitos, violência física, moral, psicológica ao índio. Não existem hoje tribos indígenas em São Luís. Este processo terrível levou essas culturas quase à extinção no Estado. Os indígenas no Maranhão estão concentrados na região central, ou seja, foram “empurrados” pela frente de colonização pastoril e pela frente de colonização litorânea.⁴¹

Mediante estes processos históricos citados seria a lenda da Praia do Olho D'Água uma história indígena, que se perpetuou na sociedade maranhense mesmo depois das atrocidades dos europeus.

Analisa-se que não se trata de uma lenda indígena, muito pelo contrário, trata-se de uma narrativa de forte cunho ocidental. É como se o português ou o brasileiro não-índio estivesse numa peça de teatro e estivesse encenando para um público que deseja ver como considerava o indígena, longe da realidade mórbida, fria e expugnável que ocorreu com essa parte da população no Brasil.

Em geral a população brasileira criou o seu imagético sobre a sua composição básica étnica: o branco (europeu), o negro (africano) e o indígena, mas sobre aspectos negativos, depreciando a própria origem. Quem nunca ouviu falar de uma história anedótica sobre português? Fruto da intenção de se livrar de sua “história vergonhosa” de ter sido colonizado pelos lusitanos. Houve uma briga intensa entre “portugueses” e “brasileiros” no Brasil Império. Assim surgiria o Partido Português e Partido Brasileiro. É bom lembrar como no Maranhão havia uma forte elite portuguesa contrária à adesão a independência, que só ocorreu em julho de 1823. Assim criou-se um grande número de piadas sobre português que em sua maioria o tratam como tolos e inaptos para tudo. Por

³⁹ Cf. MEIRELES, Mário M. *História do Maranhão* — São Paulo: Siciliano, 2001, p.123-127. LISBOA, João Francisco. *Jornal de Tímon II: apontamentos, notícias e observações para servirem à história do Maranhão*, 2º volume. Brasília: Ed. Alhambra, [s.d], passim.

⁴⁰ Abolição oficial da escravidão indígena só vai ocorrer em 1758.

⁴¹ Cf. CABRAL, Maria do Socorro Coelho. *Caminhos do gado: conquista e ocupação do sul do Maranhão*. São Luis: SECMA, 1992.

outro lado, essas anedotas mostram um brasileiro malicioso que superou seu colonizador.

O negro também possuiu diversos aspectos negativos nesse imaginário da formação da identidade brasileira. Ficou estereotipado como forte, viril, porém, não com um intelecto avançado, sendo também forte a visão de que são pessoas com tendências ao banditismo. Do Brasil colonial ao Brasil Império o negro era “os pés e as mãos” do senhor de engenho e dos donos de cafezais. Estavam ligados ao trabalho físico, braçal. O homem branco tinha muito medo dos negros; medo que reagissem em sua escravidão e matassem algum branco; medo de serem pegos numa emboscada feita pelos negros na estrada; e até medo da “magia” que o negro tinha conhecimento. Assim, surgiu na mente preconceituosa do branco um estereótipo que deve ser superado.

E sobre o indígena? Este foi colocado num plano de preguiçoso, inocente e dócil. A idéia de preguiçoso surge em razão do indígena não possuir essa característica de enriquecer como tinha o europeu. A cultura dos povos indígenas da América portuguesa tinha como atividade somente caçar aquilo que fosse necessário, e não excedente, já que não estava interessado em vender e acumular capital. Depois de caçar o necessário poderia muito bem fazer outra atividade que não fosse “lucrar”, ou enriquecer. Além do que, o índio não foi esse ser passivo que aceitou a colonização sem reagir. Muito pelo contrário, reagia de diversas formas: trabalho moroso e como conhecia melhor o território fugiam do cativo. Não por menos o colonizador sem querer entender a cultura indígena e só visando seu próprio interesse cunhou o indígena de beberão, preguiçoso, mentiroso e etc.

Mas dentre outras características lhes são atribuídas de inocente, de pueril. Essas últimas características surgem no período literário do século XIX: o Romantismo. O romantismo brasileiro não foi um estilo homogêneo e entre vertentes e gerações, havia uma que tinha como tema principal os indígenas e não por menos era conhecido como indianistas. Estes indianistas tinham forte cunho nacionalista, pois em 1822 a independência do Brasil em relação a seu antigo colonizador foi propícia para tanto.

Os romances românticos e os trabalhos críticos de seus autores, situados no período pós-independência e em sua voluntariosa contribuição para formação de uma identidade nacional, operam recompondo este olhar etnográfico. No ponto de interseção entre o imaginário que conduz a separação e a resistência cultural à ex-metrópole e a construção de uma imagem diferente, própria e

concomitante de um Estado consolidado, conciliador e pacificado, esse olhar sofrerá modificações.⁴²

Assim o ameríndio seria o produto da terra que deveria ser glorificado junto com esta natureza ‘exuberante’. Não por menos, o poema mais conhecido do romantismo, *Canção do Exílio*, fora feito em Coimbra como um poema de cunho saudosista em relação ao Brasil, em que a terra do Tejo não se comparava com aquela terra além-mar, nem as “aves que aqui gorjeiam, gorjeiam como lá”.⁴³ Isso é bastante significativo, pois os intelectuais brasileiros antes deste movimento literário estavam com os olhos em Portugal e neste poema o poeta brasileiro, em Portugal, estava com os olhos no Brasil.

A imbricação no “outro” da tríade raça/costumes/paisagem possibilita que este olhar outorgue direito de primazia a certas particularidades culturais, apagando do centro da atenção as razões políticas que geram essa própria forma de ver. Estas particularidades, ao serem tão enfatizadas, desenham perigosas e fortes relações entre “características” e “estereótipo”, o que acaba por resultando num exotismo. Desta maneira, olhar etnográfico e exotismo começam a trabalhar juntos um imaginário particular, cuja condensação podemos encontrar na flutuante dicotomia entre uma imagem negativa do homem e da natureza americana e uma imagem positiva dos mesmos.⁴⁴

Escritores bem conhecidos desta vertente são José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, além de poetas como Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias. Todos estes estavam ligados ao indianismo. Em suas obras retratavam o indígena, porém com um olhar idealizado e muitas das vezes, senão na totalidade, retratava-os de uma maneira que não condizia com a realidade. Estavam refletindo nas suas próprias obras, ironicamente, as suas influências européias, pois no romantismo europeu, havia uma vertente chamada de histórica. Esta vertente retratava a Idade Média, em sua imagem pintada de maneira honrosa, religiosa e cavalheiresca. O cavaleiro tinha seu código de honra, sua nobreza nata. No romantismo brasileiro, notavelmente impossibilitado de retratar este cavaleiro do medievo que não estava presente em sua história, decidiu criar o seu próprio: o índio.⁴⁵

Tratava-se do cavaleiro do medievo romantizado encenando o indígena abasileirado e não o próprio índio. Que também tinha como característica, não só nos personagens indígenas, o amor inalcançável e que ficou conhecido erroneamente como

⁴² Idem, op.cit., p. 31

⁴³ DIAS, Gonçalves. *Poemas de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

⁴⁴ CARRIZO, Silvína. *Fronteiras da imaginação: os românticos brasileiros: mestiçagem e nação*. Niterói: Eduff, 2001, p.27

⁴⁵ COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

amor platônico. Assim como na narrativa lendária, a filha de Itaporama não pode realizar o seu sonho de consumir o seu amor para com o seu amado.

Um dos elementos desta lenda é a presença da Mãe d'Água, também tida com nome de Iara. Ainda que pareça num primeiro momento tratar-se de um personagem nata indígena, a origem deste ser fabuloso, tem suas raízes também na cultura européia e africana. Cascudo analisa isso:

A Iara(ig-água, iara-senhor) é uma roupagem de cultura européia. Não há lenda indígena que tenha registrado a Iara de cabelos longos e voz maviosa. Lendas indígenas mais velhas citam sempre o velho homem marinho. Nunca a Iara. *A presença da Iara denuncia o branco ou a influência assimiladora do mestiço*, irradiante e plástico.

A Iara que mora num palácio no fundo dos rios é uma tradição dos brancos e que vicejou rapidamente no cenário bárbaro do Brasil colonial. [...] Demais, é preciso notar, a beleza física da Iara, seus métodos de sedução, a forma de sua resistência submersa, denunciam um elemento alienígena que conduziu o mito e o espalhou sob as águas do setentrão brasileiro.⁴⁶

Não havia algo que lembrasse a Mãe d'Água como a conhecemos na cultura indígena. Para Cascudo isto surgiu com a miscigenação cultural brasileira a partir das sereias, de Iemanjá, entre outros, pois na cultura indígena havia o *Ci* (mãe) de tudo, ou seja, a mãe das coisas. “Goroaci, o Sol, e Jaci, a Lua, deuses superiores, são ambos femininos, deuses superiores e criaram tudo que existe na terra. Todos os indígenas falam na Mãe do rio, mãe das aves, dos peixes, das pedras, das rãs, das flores, das moléstias”⁴⁷. Assim houve com essa mistura que acabou por formar a lenda da Iara.

No Maranhão, a lenda (e mito) da Mãe d'Água⁴⁸ é bastante presente na cultura do estado. Sobretudo quando se refere a entidades que estão ligadas á água doce. Acredita-se que crianças que ainda não foram batizadas podem ser levadas pela Mãe d'Água para o fundo de rios e poços.

O termo mãe d'água designa freqüentemente o conjunto de entidades espirituais caboclas recebidas por um pajé ou curador, classificadas como linha de água doce. Designa também entidades femininas metade peixe e metade mulher, encantadas em poços e rios, como as que aparecem nas narrativas selecionadas neste livro. A Mãe d'Água é representada iconograficamente de forma semelhante a Iemanjá, orixá das águas salgadas,

⁴⁶ *Geografia do mito brasileiro*, - 3 ed. – São Paulo: Global, 2002, p.153; 157, grifo nosso.

⁴⁷ *Idem*, op. cit., p.153

⁴⁸ Esta narrativa tem dois aspectos, um de ser lenda e outro mediante a sua inserção no culto afro-maranhenses ser caracterizado como mito

representada nos terreiros de Umbanda e cultos afro-brasileira como um sereia do mar.⁴⁹

A Mãe d'Água muitas das vezes é representada como sereia, ou seja, mostra sua influência européia sobre esta lenda. Que também tem identificação com a teogonia africana, que pôde encontrar semelhanças em seus mitos com o que os portugueses chamavam de sereias. Porém, a Mãe d'Água africanizada é mais uma parte integrante do culto afro-brasileiro. Já a “sereia” de origem portuguesa não precisa de adoração, como é o caso da narrativa da Praia do Olho d'Água, por se tratar de uma lenda. Em suma, a Mãe d'Água, Iara é antes uma “criação” da miscigenação brasileira do que propriamente indígena.

O elemento do Tupã, na lenda da Praia do Olho d'Água, ainda que em primeira vista não pareça, é outro elemento do europeu, sobretudo do colonizador que tentou interpretar a teogonia indígena a sua maneira. Era necessário para os pregadores que encontrassem na própria cultura local, um elemento que viesse a identificar o Deus-critão. Assim Tupã foi identificado como tal, mas foi de forma equivocada, pois não se trata de uma deidade, mas sim, de um elemento da natureza admirado e temido pelos indígenas: o trovão. Este equívoco surge desde muito cedo:

Está gentildade nenhuma coisa adora, nem conhece a Deus; somente aos trovões chama TUPANE, que é como quem diz “cousa divina”. E assim nós não temos outro vocábulo mais convincente para trazer ao conhecimento de Deus, que chamar-lhe PAI TUPANE⁵⁰

Este tipo de situação em que o colonizador reinterpretava a cultura nativa com o interesse de melhor poder apresentar a sua era uma prática da época, porém isso poderia ocasionar interpretações equivocadas. Gruzinki referindo-se a resistência indígena também apresentou um equívoco por parte do colonizador espanhol, que entendeu que o *Mictlán* naua seria algo semelhante com o inferno presente no imaginário cristão, no entanto, era somente uma das muitas moradas dos mortos, ironicamente, coberta de gelo.⁵¹

Tupã na verdade tinha um significado diferente do que os jesuítas imaginaram:

⁴⁹ FERRETTI, Mundicarmo. *Maranhão Encantado: encantaria maranhense e outras histórias*- São Luis: UEMA Ed. 2000.

⁵⁰ NÓBREGA, Manuel (pa.) apud CASCUDO, Câmara. *Geografia do mito brasileiro*, - 3 ed. – São Paulo: Global, 2002, p. 61

⁵¹ *A Colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México Espanhol (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

O som nasalado que é característico em *tupã* mostra insofismavelmente que ele é apenas, e exclusivamente, *tu*, o vento soar, bater, e *pã*, que pode ser sonoro, estrondante, barulhoso. E a palavra que expressa para o indígena o trovão como pancada ou golpe sonoro.[...] Os indígenas brasileiros só conhecem “tupã” como exprimindo a trovoada. Nenhuma noção de divindade aliava a este vocabulário⁵².

Assim, na lenda da Praia do Olho d’Água se percebe dois elementos oriundos da cultura miscigenada: A Iara e Tupã. Não por menos Tupã, aparece nas poesias de Gonçalves Dias, um dos principais indianistas, como se fosse um deus indígena.

Deprecação

Tupã, ó deus grande! Cobriste o teu rosto

Com denso velâmen de penas gentis

E jazem teus filhos clamando vingança

Dos bens que lhe deste da perda infeliz!

Tupã, ó deus grande! teu rosto descobre

Bastante sofremos com tua vingança!

Já lágrimas tristes choraram teus filhos,

Teus filhos que choram tão grande mudança.⁵³ [...]

Nesta poesia o autor entendia que Tupã era como se fosse o deus-pai, como o é o Deus-cristão. Entretanto o que importa para o índio seria o Ci, ou seja, a mãe. Tudo tinha mãe, os deuses eram femininos, diferente da cultura judaico-cristã em que o masculino é hegemônico: Deus-pai, Deus-filho.

Mas esta não foi à única lenda indianista existente no Maranhão. Moraes descreve uma lenda cognominado-a de *lenda do dragão da Baía de São Marcos*:

Uma lenda ligada a memória dos primitivos habitantes de Alcântara, a velha Tapuitapera, conta que um chefe indígena muito poderoso tinha um filho que era o menino mais belo da tribo. Certo dia o pequeno tomava banho à beira do mar, no local que depois seria conhecido por “forte”, quando um dragão que vivia nas águas da Baía de São Marcos o surpreendeu e o tragou. O pai da criança ficou na mais profunda consternação e revolta, decidido eliminar, de qualquer modo, o monstro. Mandou chamar o mais famoso e destemido guerreiro de que havia notícia, e lhe deu a incumbência de matar o dragão. Dias passados, como estivesse faminto, o dragão surgiu aos urros, á procura de novas vítimas, e mal aflorou na superfície das águas recebeu certa flechada que lhe atravessou o coração. Mortalmente ferido, o monstro arremessou-se contra a península, abrindo nela enorme sulco que se prolongou até perto do Apicurum. Ali deu um aterrador esturro, para em

⁵²CASCUDO, Câmara. *Geografia do mito brasileiro*, - 3 ed. – São Paulo: Global, 2002 , p.65

⁵³ *Poesias de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998, p. 23.

seguida desaparecer. O canal aberto pelo dragão é hoje conhecido como Canal do Jacaré, o qual separa do continente a porção de terra que recebeu o nome de Ilha do Livramento.⁵⁴

Esta lenda bem que poderia ser genuinamente indígena, mas possui um elemento europeu demasiadamente chamativo: o dragão. Percebemos que as lendas não poderiam estar imunes às outras culturas.

O dragão é um elemento que faz parte do folclore europeu e não indígena.⁵⁵ A lenda alcantareense se assemelha com outra mais conhecida mundialmente é a de São Jorge. Este é um guerreiro-padre e depois santo, destemido, vai lutar contra o dragão devorador de donzelas, antes que devore a última do lugar, a princesa de uma cidade da Líbia. O rei faz pacto com o mesmo e mata o dragão, saindo vitorioso⁵⁶. Também o guerreiro indígena destemidamente vinga o pai que sofrera a perda do filho e sai vitorioso na sua luta contra o dragão de Alcântara. Talvez este dragão de Alcântara inicialmente se tratasse de um jacaré (numa das versões da lenda de São Jorge ele batalha contra um crocodilo alado), mesmo porque o nome do canal é chamado de Canal do Jacaré e não Canal do Dragão.⁵⁷

Ademais há uma lenda análoga em Portugal que refere-se a uma narrativa da nascente do rio de Alviela no município de Alcanena em Portugal. Segundo a lenda: há muito tempo havia um rei e uma princesa moura. Esta estava sendo obrigada a se casar com um príncipe muito rico que era do agrado de seu pai. Porém a princesa já estava enamorada de outra pessoa. Um belo jovem mancebo da região que era muito pobre. Como o pai não aceitava o casamento com este jovem a princesa fugiu de seu castelo e foi se esconder em umas grutas, onde hoje é o rio de Alviela. O rei não mandou os guardas irem atrás de sua filha, mas sim uma bruxa que logo descobriu onde estava a princesa. Todos os dias a bruxa visitava a jovem e tentava convencer a mesma a casar com algum dos príncipes que desejavam ser seus pretendentes. Mas a princesa mourisca sempre recusava, dizia: “O meu coração tem um dono, pobre que não tem tostão e nem mais um outro senhor conquistará este trono, eu prefiro morrer de dor!”.

⁵⁴ MORAES, Jomar. *O rei touro e outras lendas maranhense*. São Luis: SIOGE, 1980, p.45

⁵⁵ No II ENCONTRO MUNICIPAL DE HISTÓRIA EM ALCÂNTARA, na mesa redonda que apresentei desafiei os estudantes secundaristas a encontrar o elemento europeu nesta narrativa, a resposta foi quase que uníssono: O dragão.

⁵⁶ DRAGÕES: mitos e verdade: muito além dos mistérios que envolvem uma lenda milenar. São Paulo: Editora Escala, 2009, p. 66-67.

⁵⁷ Cf. MORAES, Jomar. *O rei touro e outras lendas maranhense*. São Luis: SIOGE, 1980, p.45

O rei furo pela ousadia de sua filha, disse a bruxa para encantar um boi transformando-o num belo rapaz. Mas nem mesmo aquele rapaz que já fora um boi e que tinha voz doce conquistou a princesa que sempre repetia os mesmo dizeres: “O meu coração tem um dono, pobre que não tem tostão e nem mais um outro senhor conquistará este trono, eu prefiro morrer de dor!” Assim a ira do rei se acendeu por completo sabendo da recusa da filha e amaldiçoa-a: “Como não aceitas nenhum dos pretendestes que para ti arranjei, não serás rainha no meu condado. Viverás eternamente nestas grutas. Os bois e as vacas viverão ao teu redor. *As tuas lágrimas serão tantas e tão grossas que os teus olhos se tornaram enormes... As lágrimas que daí brotarem regarão as terras de Alviela e vão dá de beber a pessoas e animais.* Assim o nome da nascente do rio de Alviela ficou Olhos de Água.”⁵⁸

Percebe-se muitos elementos em comum na lenda da Praia do Olho D’água e a dos Olhos de Água. 1) Logo de imediato o nome das duas narrativas. 2) As personagens tratam-se de povos anteriores aos presente que perpetuaram a lenda: indígenas e mouros. Aqui enxergamos um elemento do romantismo, como não se poderia encontrar um mouro pagão, procura-se o pagão da terra: o índio. 3) Os pais, são lideranças importantes nas duas histórias, ainda que na lenda maranhense seja somente citado e o da lenda lusitana seja participante direto da narrativa. 4) A filha das lideranças que é impossibilitada de realizar o seu amor e que a partir de suas lágrimas formam rios. 5) O amado que tanto em uma como em outra é somente um agente passivo e que em uma das versões da lenda lusitana a bruxa o transforma num boi . 6) O elemento feminino que em graus diferentes impede o amor das jovens: A Iara/bruxa possuem poderes sobrenaturais. 7) A modificação geográfica que vem a nomear o lugar. Assim é impossível não haver uma ponte de contato direto entre as duas narrativas. É mais provável que a lenda lusitana seja anterior. E não seria impossível dada as relações históricas do Maranhão com Portugal.

⁵⁸ LENDA DOS OLHOS DE ÁGUA. Disponível em: <<http://www.cm-alcanena.pt/pt/conteudos/concelho/Lendas/Louriceira>>. Acesso em: 12 de out. de 2013 às 15:45. LENDA DOS OLHOS DE ÁGUA. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/davidjpereira/lenda-dos-olhos-de-gua>>. Acesso em: 12 de out. 2013 às 15:30.

As lendas sobre mouras encantadas⁵⁹ na cultura do português são muito presentes e esta identidade, que geralmente é sensual, pode ter sido passada para as indígenas:

O longo contato com os sarracenos deixara idealizada entre os portugueses a figura da moura-encantada, tipo delicioso de mulher morena e de olhos pretos envolta em misticismo sexual — sempre encarnado, sempre penteando os cabelos ou banhando-se nos rios ou nas águas das fontes mal-assombradas — que o colonizadores vieram encontrar parecido, quase igual, entre as índias nuas e de cabelos soltos do Brasil. Que estas tinham também os olhos e os cabelos pretos, o corpo pardo pintado de vermelho, e, tanto quanto as nereidas mouriscas, eram doidas por um banho de rio onde se refrescasse sua ardente nudez e por um pente para pentear o cabelo. Além do que, eram gorda com as mouras. Apenas menos ariscas por qualquer bugiganga ou caco de espelho estavam se entregando, de pernas abertas, aos “caraíbas” gulosos de mulher⁶⁰

Na lenda maranhense o nome do pai é citado: Itaporama. Provavelmente há algum significado, na língua indígena, já que muitos dos indianistas conheciam alguns vocábulos indígenas. Ou então está em português e está codificado em um anagrama, como o é Iracema (livro de José de Alencar que tem a personagem principal com o mesmo nome do livro) e que na verdade é o anagrama de AMERICA.⁶¹

Para além de se encontrar muitas poesias indianistas do século XIX com essa temática, Moraes cita uma poesia que está diretamente tratando da lenda supracitada de Stella Leonardos:

(A iara cauda de escama,
voz de vaga, fluida flama.
Ai filha de Itaporama!
A voz da iara é uma trama.
Diz adeus a quem não te ama!)

Depois, as dunas e as águas
do estendal de areias alvas
viram rolar muita lágrima

⁵⁹ COELHO, Adolfo. *Contos Populares Portugueses*. Alfragide: Leya, 2009.

⁶⁰ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

⁶¹ Num site da internet que codifica anagramas encontramos alguns palavras interessantes a partir de ITAPORAMA: PRAIA MATO, PRAIA MOTA, PRAIA TOMA, PIRATA AMO, PRATRIA AMO, TAIPA MORA, PATA MOIRA, O PAI TRAMA, O PAI MATAR, MATA PA RIO, PAI MAR TOA. Assim sendo, algumas palavras vem a fazer sentido. Vide site: <http://wordsmith.org/anagram/advanced.html> (04 de set de 2010 às 14:35)

da cunha dos olhos-mágoa
que se finou de chorar.

Foi quando dois olhos d'água
de uma doçura lendária
se espraíram pela praia.
E ainda correm para o mar.⁶²

Assim a lenda da praia do Olho d'Água retrata uma história indianista, que por diversos elementos é notável que há uma forte miscigenação dos mesmos por culturas como a do lusitano, a do africano e a do próprio indígena. Como fonte apresenta um elemento literário do romantismo, mas apresenta também o da identificação de um povo que pertenceu ao atual território de São Luís, mas que não existe mais como tribo pelo efeito nefasto da colonização.

⁶² Stella Leonardos 1979 Apud MORAES, Jomar. *Guia de São Luís do Maranhão*- 2.ed. São Luís: Legenda, 1995, p.149

5. Palácio das lágrimas

A lenda do Palácio das Lágrimas se refere ao grande sobrado de três pavimentos, que estava na Rua São João, fazendo canto com a Rua da Paz, defronte para igreja de São João. Este sobrado sempre esteve abandonado e sem telhas⁶³, o que germinou no imaginário popular as explicações sobrenaturais sobre este local. São três versões sobre esta lenda.

A primeira versão foi apresentada por Raposo:

Habitava este prédio, no século XVIII, um senhor riquíssimo, que tendo, matado um irmão, atribuíra o crime a um dos escravos, que, ao ser enforcado, se declarou inocente, dizendo que, se ele de fato era o criminoso, aquele edifício, ainda por terminar, seria concluído; em caso contrário nunca.⁶⁴

Nesta versão o escravo está pagando com a vida por um crime que não cometeu, sendo o verdadeiro culpado um fraticida branco e rico. Mas pela injustiça que lhe é cometida e por não acreditarem no mesmo por sua situação social não permitindo-lhe credibilidade, mediante uma maldição sobre o sobrado citado anteriormente, o mesmo sobrado torna-se fiador da verdade, covertendo-se em um monumento remetendo a injustiça cometida não somente com aquele escravo em específico, mas a todos.

A outra versão apresenta uma situação mais complexa. Também presente dois irmãos lusitanos, que decidiram vir par a América enriquecer. Entretanto um ficou rico — Jerônimo de Pádua — que entre muitos dos seus negócios, estava ligado ao de tráfico de escravos. Ademais, seu irmão continuou na pobreza.

Cheio de inveja do rico, o irmão pobre concebeu o plano macabro de assassiná-lo, com a finalidade de herda-lhe a grande fortuna, pois o irmão rico não tinha herdeiros legítimos, vivendo amasiado com uma preta sua escrava, com quem teve diversos filhos. Praticando o nefando crime, e na posse dos imensos bens herdados de sua própria vítima, o fraticida passou a tratar os escravos com muita crueldade, notadamente a amásia e os filhos de seu irmão assassinado. Informado, certo dia, acerca de quem fora o verdadeiro assassino de seu progenitor, um dos filhos lançou-se, indignado,

⁶³ Num artigo do século XIX, Júlio Alberto faz uma ironia sobre as discussões inúteis que a política fazia na época e questiona se não deveria também se discutir sobre “telhas do Palácio das Lágrimas”, sendo que o local é destelhado e inabitado (ALBERTO, Julio. Vento em popa... . *A Cruzada*. 22 de jan. de 1892, p2).

⁶⁴ A lenda do Palácio das Lágrimas --- *Diário de São Luiz* – São Luis, 27 de dez. de 1949. A acusação é evidente, em que o homem branco cometia certos crimes e fazia de bode expiatório seu escravo.

contra o tio e, de uma das janelas, arremessou-o violentamente à rua, provocando-lhe a morte súbita. Descoberto o criminoso, e por ser escravo, foi ele condenado à morte na forca levantada em frente ao sobrado. Ao subir no cadafalso, o condenado proferiu, como últimas palavras, esta maldição:— Palácio que viste as lágrimas derramadas por minha mãe e meus irmãos! Daqui por diante serás conhecido como Palácio das Lágrimas.

E assim o sobrado passou a ser chamado.⁶⁵

A ligação religiosa nesta versão está implícita, mesmo porque o local em que se situa o sobrado é defronte da Igreja de São João, o que traz a tona o ambiente ligado ao sagrado, e logo o profano tem que ser extirpado.⁶⁶ Assim todos os pecadores são condenados com a morte. Jerônimo de Pádua por ser mesquinho e não ter ajudado seu irmão, deixando este na pobreza. O irmão deste por ter cometido o fratricídio e ter maltratado seus parentes. E por fim o sobrinho deste, que matou seu próprio tio, tomando a vingança que somente pertencia a Deus⁶⁷.

Cabe notar, que o germinador destas tragédias é a ganância dos dois irmãos lusitanos, no que perfila um castigo do imaginário coletivo do “povo brasileiro” aos “portugueses gananciosos”. Isso não é por acaso. A lenda do Palácio das Lágrimas foi difundida no século XIX. Século este que o Maranhão estava bastante tumultuado por rebeliões e mudanças políticas. Algumas destas situações: A adesão do Maranhão a Independência⁶⁸ (1823) e a Balaiada⁶⁹ (1838-1841). Estes dois momentos da história estavam ligados a um forte sentimento de anti-lusitanismo e que estaria propenso a manter viva a lenda do Palácio das Lágrimas

Nas lendas que representam o período colonial isso se dá de forma diferente. Estas narrativas na verdade legitimam a colonização portuguesa, como é o caso do Milagre de Guaxenduba e o Milagre de São João Batista.⁷⁰ A partir do século XIX as

⁶⁵ MORAES, Jomar. *Guia de São Luis do Maranhão*- 2.ed. São Luis: Legenda, 1995, p. 147-148

⁶⁶ Outras três razões fortes a partir da característica dos ludovisenses serem supersticiosos: 1) porque nunca houve uma explicação concreta por que nunca foi habitado por alguém; 2) sua posição era bem visível, em uma esquina e defronte para umas das Igrejas mais importantes da cidade e mesma assim inabitável; 3) por que universalmente casarões mal-assombrados são narrativas recorrentes, sobretudo em lugares abandonados que vão ganhando sinais de decrepitude com passar do tempo.

⁶⁷ Vide Deuteronômio 32:35. Ademais, neste viés religioso somente Deus tem o direito de tirar a vida, já que Ele que a deu.

⁶⁸ Cf. GALVES, Marcelo. *Ao Público sincero e imperial: imprensa e independência do Maranhão (1821-1826)*, Niterói, 2010 – Tese (doutorado em história)- UFF

⁶⁹ Cf. SANTOS, Maria Januária Vilela. *A balaiada e a insurreição de escravos no Maranhão*. São Paulo: Editora Ática, 1983

⁷⁰ Ambas as lendas demonstram o português lutando com outros europeus para firmar quem seria os detentores da colonização do Maranhão. No caso do Milagre de Guaxenduba, a luta era contra os franceses, sendo que as tropas lusitanas estavam em total desvantagem, mas mediante um milagre realizada por Nossa Senhora da Vitória lograram sobre os “invasores”. Isso seria uma legitimação dos

lendas vão justamente deslegitimar o português perante uma nova nação que vai se formando: A brasileira.

Outra característica importante desta versão é a questão da herança. Pela lógica atual os bens de Jerônimo de Pádua deveriam passar para seus filhos depois de sua morte. Entretanto, foi ao seu tio. A razão disso é por uma questão do momento, séculos XVIII- XIX. “A destinação de herança a filhos de escravas não era difícil de acontecer, mas constituía exceção”⁷¹. O pai deveria tê-los assumido como filhos para tanto, mas o mais importante é que tenha deixado libertos:

Do mesmo modo que os legítimos, os naturais tinham direito à herança, desde que fossem legitimados, [...] para os filhos bastados, tidos com escravas, vigoravam os mesmo preceitos, contanto que fossem livres por ocasião da morte do pai. A concessão da alforria e o reconhecimento eram, portanto, condições essenciais para os filhos naturais nascidos de relações com escravas, recebessem os bens⁷²

A última versão apresenta aqui desta lenda é uma novela do começo do século XX, escrito por Clodoaldo Freitas⁷³. Foi apresentada originalmente como folhetim no periódico Diário do Maranhão. E tem uma trama maior do que as versões anteriores. O primeiro parágrafo do livro vai descrever o prédio:

Este velho casarão de dois andares tem um história sombria. Estas altas paredes, enegrecidas pelo caruncho do tempo, abafaram gemido de muitas dores, lágrimas de muitas desgraças, gritos estortegantes de muitas agonias. Aqui desenrolaram-se tragédias lancinantes. O crime aqui imperou soberano, na imponência do seu truculento cinismo. Aqui nunca entrou a Justiça, não vicejou o amor, não fulgurou a piedade na sua blandícia divina. Neste desmoronado Palácio das Lágrimas habitou a escravidão e a desonra, sob a vergasta do despotismo.⁷⁴

Esta descrição está circunscrita no âmbito físico, mas sobretudo da sua representação como lugar da proliferação das desgraças, sendo que “nunca entrou a Justiça” e jamais “vicejou o amor”. Também indica o elemento base pelo qual o autor escreveu esta novela: “Neste desmoronado Palácio das Lágrimas habitou a escravidão e a desonra, sob a vergasta do despotismo”. Aí está o que o livro vai apresentar ao longo

céus indicando quem seria o dono da terra. No caso do Milagre de São João Batista é semelhante, mas dessa vez contra os holandeses.

⁷¹ MOTA, Antônia da Silva. O paradoxo do sentimento amoroso nas relações escravistas. *Ciências Humanas em Revista* – São Luis, V.2, n.2, dezembro 2004, p.72

⁷² SAMARA 1989 Apud MOTA, Antônia da Silva. O paradoxo do sentimento amoroso nas relações escravistas. *Ciências Humanas em Revista* – São Luis, V.2, n.2, dezembro 2004, p.75

⁷³ *O Palácio das Lágrimas*- São Luis: AML/EDUEMA, 2008. Cronologicamente este foi o primeiro texto a ser escrito sobre a lenda, mas optou-se por deixá-la por último para ser explanado.

⁷⁴ Idem, op., cit. p. 15

de seu corpo, um aspecto terrível da escravidão em sua pior crueza, com castigos corporais, abusos de todos os níveis e assassinatos.

No segundo e terceiro parágrafo vai descrever fisicamente e socialmente o personagem principal, o Jerônimo de Pádua, indicando o ano exato do enredo: 1848. Este é um português que possuía uma armazém na rua da Estrela nº 33 e um sítio no Tamancão, sendo o mesmo contrabandista.

Apesar de vedarem as leis o tráfico de africanos, ele os introduzia, sem muita cautela, na sua feitoria. Todo mundo sabia disto. Mas ninguém atrevia-se a embarçá-lo, porque, então, os portugueses dominavam o Maranhão, e traziam a Justiça nas gavetas de suas burras⁷⁵

Jerônimo faz o estereótipo de português comerciante “um mouro para o trabalho, um usurário feroz, um acumulador de dinheiro, rival do comendador Meireles [...]”.⁷⁶ Este estereótipo de português é sempre mal-visto, pois é o símbolo da ganância, da exploração, ganancioso por natureza. Mas era muito rico, sendo que o mesmo corrompia os juízes da terra.

No que se refere ao seu âmbito privado era amasiado com uma mulata, e possuía dois filhos e uma filha com a mesma. Além de morar em sua casa e trabalhar para o mesmo, seus sobrinhos, filhos de suas irmãs, que já eram falecidas. Mas ainda tinha relacionamento sexual com suas outras escravas:

*Entretido no seu magnífico harém, o Pádua não tinha gosto pelo jogo, nem pela mesa, e, somente aos domingos, depois da missa, que, como bom católico, não perdia nunca, costumava sair, solenemente vestido de preto, em vistas a patrícios e amigos, e quase nunca almoçava em casa.*⁷⁷

O autor ironiza com a capacidade moral de Jerônimo viver como um mouro e se apresentar como um bom católico. E que praticava toda ordem de abusos. Sendo que ao engravidar algumas delas as tratavam pessimamente e ignorava a paternidade, pois dizia que “filho de negra não tem pai”. Numa parte em uma situação extremamente dramática, quando uma mulata alega que espera um filho dele, tal diz esta frase a ela, a mesma responde que até os filhotes de cães tem pais. Jerônimo responde que “os cachorros sim”, e logo é replicado : “É porque você é pior do que um cachorro, é um

⁷⁵ Idem, op. cit., p. 16.

⁷⁶ Idem, op. cit., p. 17. Nota-se que pelo período tratado, o Meireles já havia morrido uma década antes, no caso citá-lo seria somente a fins de comparação com outro rico comerciante português e famoso que viveu no Maranhão oitocentista.

⁷⁷ Idem, op. cit., p. 16-17, grifo nosso.

branco miserável e sem coração, um infame, um malvado”⁷⁸. E depois a mesma se atira da embarcação no mar, e é logo devorada por tubarões.

Ao longo da novela Jerônimo é descrito como uma pessoa corrupta, mentirosa, e sem piedade. Maltrata seus escravos e tem prazer de vê-los serem castigados. Quando torna-se amante de D. Anicota e a mesma pede que gostaria de ver um escravo apanhando, realiza o desejo de sua amada, mesmo que não houvesse motivo suficiente para tanto.

Tragédias vão ocorrendo justamente pela ambição deste português e de sua amante também portuguesa, que por fim irá mandar matá-lo, mas antes faz com que suas irmãs se casem com os sobrinhos de Jerônimo. E como não alforriou sua amásia nem os seus filhos, os mesmos não recebem a herança e tornam-se escravas de seus primos que por ordem de Anicotta começa a destrutá-los. Até conseguirem fugir.

Curiosamente na trama, o prédio vai adquirir o nome ignomiosos de Palácio das Lágrimas por causa de um das mulatas que Jerônimo tinha relações sexuais. O filho dele se apaixona, pela mesma, mas é sempre recusado. Ao ser denunciado para seu pai, vai ser castigado. Como vingança envenena os filhos de D. Anicota que já morava com Jerônimo e arma para que a culpa caia na mulata. Esta será condenada a morte que nega a autoria até o fim. Suas lágrimas ficam marcadas na escadaria do prédio de forma como se tivesse sido molhadas recentemente.

O prédio nessa versão torna-se literalmente amadidoado, pois todos que tentam morar lá ou tem uma morte trágica ou enlouquecem.

Esta novela tem uma característica importante de tentar apresentar de forma bastante drástica e com uma linguagem naturalista de como aquela sociedade se dava em sua vida privada e como estas relações eram extremamente cruéis para com os escravos.

Outro romance que apresentou tal temática e que foi extremamente criticado a época foi o Mulato de Aluíso de Azevedo. Raimundo, personagem principal sofre por ser mulato em São Luís, não sabe o mesmo que é mestiço pois morava na Europa sem saber de sua origem. Os traços físicos de Raimundo são de um caucasiano, mas isso não

⁷⁸ Idem., op. cit., p.35.

foi o suficiente para que não fosse rejeitado pela sociedade ludovicense.⁷⁹ O personagem principal é ignorado e rejeitado, inclusive o seu casamento com sua prima. Ao longo do romance, Raimundo não sabe a razão.

Raimundo é um inteligente, rico, e belo (encanta as moças), mas por ser mulato é rejeitado.

Também a relação com o português está explícita aqui, pois mais uma vez a infelicidade vem através de um português que é o pai e o tio do Raimundo. O Manuel Pescada, comerciante, relativamente rico, tinha um armazém na Rua da Estrela, na Praia Grande, lugar a época do grande comércio. Mas está inserido no estereótipo de português interesseiro, comerciante, preconceituoso. A. D. Bárbara, sogra do Manuel Pescada, outra personagem central, tinha orgulho de seus avós serem portugueses, religiosa fervorosa, foi casada com um português “fino de olhos azuis”, quando se referia aos negros dizia “os sujos”, quando era de um mulato, “o cabra”. “Dava nos negros por gosto”.

Maria Bárbara tinha grande admiração pelos portugueses, dedicava-lhes um entusiasmo sem limites, preferia-os em tudo os brasileiros. Quando a filha foi pedida por Manuel Pedroso, então principiante no comércio da capital, ela disse: Bem! Ao menos tenho a certeza de que é branco⁸⁰

Este romance vai ser mais uma representação do preconceito que vai se formar nas concepções dos brasileiros a partir do século XIX e que o romancista vai denunciar.

No começo do decênio de 20 do século XX o governador Urbano Santos mandou destruir o antigo prédio e construir outro no lugar e é onde se situou o curso de Farmácia da Universidade Federal do Maranhão e há um projeto de transformar o lugar em museu da instituição. Antes disso, Sousândrade desejou colocar a Universidade Nova Atenas no local, que nunca logrou de fato. Ademais, em notas de rodapé, Moraes explica na novela o Palácio das Lágrimas⁸¹ que este imóvel pertenceu a um português por nome de João Crisóstomo, que, porém nunca concluiu o prédio.

⁷⁹ Raimundo é um personagem que é inverossímil, pois tem características de branco e não de um misigenado. Além do mais seu caráter e beleza é idealizado (inclusive recorrente a tipologia de personagem do romantismo) com inteligência, bondade, sabedoria e rico. Assim o autor queria demonstrar que não importava o caráter, nem se tal estava dentro dos parâmetros idealizados como bons à época, sendo miscegenado não adquiria respeito naquele meio, como par da elite local.

⁸⁰ AZEVEDO, Aluísio. *O mulato*. Disponível em: < <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/omulato.pdf> >. Acesso em 17 de nov. de 2013.p. 12

⁸¹ Idem, op. cit., p.15.

6. Carruagem de Ana Jansen

Segundo a lenda, nas noites de sexta-feira, nas ruas históricas de São Luis há uma carruagem que passeia sendo levada por cavalos decapitados e guiados por escravos igualmente decapitados. E nesta carruagem está uma senhora, que ainda segundo a lenda, por causa de suas crueldades praticadas no passado, estaria pagando penitência. É “Dona Ana Jansen⁸², poderosa e discutida matrona maranhense, de marcante presença na vida econômica, social e política da São Luis do século XIX”⁸³ No imaginário popular ficou bastante presente a sua crueldade para com seus escravos.

Castigos de todos os tipos eram infligidos aos pobres escravos. Citam-se alguns: ajoelhar-se longas horas em caroços de milho, surra no tronco, jejuns, dúzias de bolos de palmatórias... Chegando a extremos de mandar quebrar os dentes a martelo de uma escrava porque o senhor simpatizava com o sorriso da negra⁸⁴

São muitas as versões sobre a lenda da carruagem de Ana Jansen, que variam de acordo com o autor que a apresenta. Os primeiros que trancreveram esta narrativa foram Inácio Raposo⁸⁵ e Astolfo Serra⁸⁶. Aquele não cita o nome de Donana, mas que pelo texto fica evidenciado quem é a passageira do *carro misterioso que sai do cemitério*.

As variações da lenda se referem aos locais por onde passa a carruagem, ainda que sempre saia do cemitério, há versões que dizem que a passagem da visagem é na rua do “Passeio”; outras versões dizem que é na Rua Grande (onde está casa que Ana Jansen morou); e as versões mais recentes dizem que é em todo o centro histórico.

Ademais, há variações conforme o momento que acontece a aparição (nas sextas-feiras, nas quintas-feiras, todos os dias a partir da meia-noite). Algumas versões acrescentam que caso alguém se depare com a sinistra aparição, misteriosamente ocorre uma materialização de uma vela na mão de tal indivíduo, e caso não se reze pela alma

⁸² ANA JOAQUINA JANSEN PEREIRA (1787-1869), também conhecida como Donana e pelo seu imenso poderio no Maranhão ficou conhecida como a Rainha do Maranhão. Não é de interesse fazer uma biografia dela, mas apresentar a sua simbologia social pelas lendas e histórias consagradas relacionadas a ela.

⁸³ MORAES, Jomar. *Guia de São Luis do Maranhão*- 2.ed. São Luis: Legenda, 1995, p. 142

⁸⁴ FREITAS, Simone M.R. *Lendas do Maranhão* – São Luis: BPBL, 1979, p.9

⁸⁵ O carro misterioso que sai do cemitério --- *Diário de São Luiz* – São Luis, 05 jan de 1950. p. 4

⁸⁶ SERRA, Astolfo. O carro de D. Ana Jansen. In. MORAES, Jomar (org.). *Ana Jansen, rainha do Maranhão*. São Luis: AML, 1991, p.73

de Ana Jansen, esta vela se transformará em um osso humano. Uma versão apresentada de forma singular por Simone Freitas⁸⁷ é que depois da morte da “Rainha do Maranhão”, os escravos que ela assassinou, se levantaram em procissão a partir da meia-noite, rezando e clamando para que sua ex-senhora pague pelos pecados que cometera.

Muitas são as hipóteses para que a figura histórica desta matrona tenha se tornado na figura aterradora que divaga com sua carruagem fantasmagórica. Uma seria que depois da morte de Ana Jansen, segundo o misticismo dos seus escravos, sua antiga senhora era tão cruel que não poderia descansar por causa de suas maldades, assim vagaria, feito alma penada afim de que obtivesse muitas rezas, para alcançar misericórdia e poder descansar em paz. E nisso estaria o elemento da vela (que simboliza a vida) e caso não se reze pela alma dela a vela se transformaria em osso (que simboliza a morte).⁸⁸

As almas do outro mundo, se ficam devendo alguma coisa neste, e lho perdoarem à hora da morte, tem que vir entre os vivos para ganharem [...]. Quando lembra uma alma do outro mundo, deve rezar-se-lhe um padre-nosso e dizer: Tomo lá este, mas não é para avesar⁸⁹

Assim se formaria uma memória relativa a crueldade da elite escravocrata. Suas ganâncias, seus sadismos, suas injustiças. Assim se esperava que se não viesse a pagar pelos pecados na terra, iria pagar após a morte. Morte tão justa que vem a todos, mas que para aqueles em seu imaginário haveria pessoas que após o falecimento sofreriam as conseqüências pelas suas maldades. Ana Jansen representa esta condenação social, sua riqueza não a salvaria de sua crueldade, assim como toda a elite escravocrata, mas que vai ser personificada nela.

Ademais, outros elementos que estão presentes na narrativa denunciam os pecados de Ana Jansen. Um destes é o mais evidente: a carruagem, que é símbolo da ganância da matrona.

Era uma das mais deslumbrante de São Luis, cortinas douradas confeccionadas de material caríssimo, aparelhada com três fogosso cavalos

⁸⁷ FREITAS, Simone M.R. *Lendas do Maranhão* – São Luis: BPBL, 1979, p.9-11

⁸⁸ Segundo o misticismo, a *vela* simboliza a *vida*, sobretudo naquilo que se refere à tricotomia humana: a chama é o espírito; o pavio é a alma, que é intermediário e liga corpo e espírito; e por fim a cera representa o corpo. O *osso* estar logicamente simbolizando a *morte*. Assim são elementos opostos que são brancos, e que também pode ser interpretado como o religioso (vela) e o profano (osso).

⁸⁹ BRAGA, Teófilo. *O Povo Português nos Seus Costumes, Crenças e Tradições*: volume I – Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1985, p.175

importados — puro sangue —, fora vendido [sic] pela quantia de 1: 050\$000 (hum conto e cinqüenta mil réis) ao senhor Vicente de Vasconcelos Duarte.

O valor na época, causou admiração no seio da pacata e ordeira população ludovicense.⁹⁰

Além do símbolo da ganância está presente nesta narrativa o da luxúria. Algumas versões apresentam a carruagem sendo puxada por mulas-sem-cabeça.

É um carro-fantasma que toda sexta-feira, altas horas da noite, percorre certos bairros de São Luis. Dizem que sai a meia-noite das bandas do antigo Cemitério dos Passos (hoje um bairro elegante) por entre ruídos estranhos e gemidos profundos. É assim que aparece a “visagem”: um carro antigo, velado de sobras, puxado por uma parelha de *mulas sem cabeça*, de cujas patas saem faiscações esverdeadas e uma fumaça de enxofre, e que percorre todo o bairro de S. Pantaleão numa espécie de ronda sinistra.⁹¹

A mula-sem-cabeça, também conhecida por burrinha-de-padre, é a maldição da mulher luxuriosa que teve relações sexuais com o padre. O motivo para relacionar o animal com o sacerdote é uma razão histórica, segundo Cascudo: “Desde o século XII os prelados, abades, padres, e mesmo reis e grandes fidalgos escolhiam a mula para as viagens por ser um animal resistente e seguro. *Quase sempre víamos os pontífices cavalgando as nédias mulas*, levadas pela brida de ouro.”⁹²

A razão de ligar a luxúria de Ana Jansen foi por suas relações com outros homens antes do casamento, o que de fato chocava a elite ludovicense que tinha que conviver com a “desavergonhada”. Ademais tivera filhos antes do casamento como ficou evidenciado no testamento de Isidoro Rodrigues Pereira, seu segundo marido, e transcrito por Waldemar Santos

Fui casado com Dona Vicência Theodora Rosa, já falecida, da qual nunca tive filhos nem de outra mulher que possam ser meus herdeiros, sendo que agora me acho *casado com Dona Anna Joaquina Jansen Pereira da qual tenho cinco filhos concebidos antes do matrimônio* [...]. Todos são meus filhos legítimos pelo matrimônio subsequente, e meus legítimos herdeiros, e eu portanto declaro donos de duas partes dos meus bens.⁹³

No que se refere ao elemento do escravo decapitado, sua significância está ligado às crueldades da Ana Jansen. Conhecida por ser tihosa, poderia muito bem, a seu bel-prazer matar um escravo por razões insuficientes. A falta da cabeça, diz respeito

⁹⁰ *Perfil de Ana Jansen* – 2 ed.- São Luis: [s.n],1986, p.26.

⁹¹ SERRA, Astolfo. O carro de D. Ana Jansen. In. MORAES, Jomar (org.). *Ana Jansen, rainha do Maranhão*. São Luis: AML, 1991, p.73, grifo nosso

⁹² CASCUDO, Câmara. *Geografia do mito brasileiro*, - 3 ed. – São Paulo: Global, 2002, p. 193, grifo nosso

⁹³ *Perfil de Ana Jansen* – 2 ed.- São Luis: [s.n],1986, p. 39, grifo nosso

à brutalidade em todos os sentidos, do sistema escravista. Para além de ser esta mesma violência que conduz a carruagem (ganância).

Assim na lenda, a luxúria (mula-sem-cabeça) puxa a ganância (carruagem), que são conduzidos pela brutalidade/crueldade (escravos decapitados). “Para os seus inimigos, que lhe atribuíam uma série de defeitos (analfabeta, feia, gaga), a atração que exerceu sobre seus amantes era atribuída à feitiçaria”⁹⁴. Ana Jansen se casou com dois homens bastante ricos, sendo que ela era pobre e ambos morreram antes dela. Diziam que não tinha muita beleza, no que se acreditava tratar de uma feiticeira que encantou estes homens, e só assim poderia ter esta sorte.

Segundo Moraes⁹⁵, esta lenda teve grande difusão no decênio de 40 do século XX, quando São Luis era uma cidade mal-iluminada, e a ditadura do Estado-novo dava um ar de temor por causa dos abusos policiais. Marques⁹⁶ sugere que o surgimento da lenda fora forjada por contrabandistas, que desejavam que os curiosos se mantivessem longe de seus negócios ilegais.

Waldemar Santos defende de maneira singular uma explicação originária da lenda, seria de que leprosos usavam uma carruagem para fazer baderna e o imaginário popular acreditou que fosse “espíritos do outro mundo”.

A verdade, segundo Jurandir Luís, foi descoberta por Luís Beleza Ferreira, seu tio, e Antônio Beleza, seu irmão. Eles, ao voltarem de uma festa de aniversário em uma casa perto do cemitério do “Gavião”, descobriram que quem passeava pela rua do “passeio”, à meia noite, de carruagem, era um grupo de leprosos. Ocorre que, naquela época (princípio do século), havia um leprosário próximo ao cemitério e, como os leprosos viviam enclausurados, sem poder sair para lugar nenhum, principalmente por causa da discriminação então existente, aproveitavam a madrugada para passear em carruagens roubadas do leprosário⁹⁷

Porém a hipótese mais debatida no meio acadêmico, é que a figura de Ana Jansen, foi transformada nesta figura aterradora, pelos seus opositores, preconceituosamente e pela sociedade machista de sua época. A Rainha do Maranhão quebrou barreiras sobre o que era esperado de uma postura feminina. Teve filhos fora do casamento. Casou-se duas vezes. Com os recursos financeiros deixados pelos seus

⁹⁴ ABRANTES, Elizabeth Sousa; SANTOS, Sandra Regina. “Ana Jansen: a mulher e o mito”. In. COSTA, Yuri; GALVES, Marcelo Cheche (orgs.). *Maranhão: ensaios de biografia e história*. São Luís: Café & Lápis; EdUema, 2011.

⁹⁵ *Guia de São Luis do Maranhão*- 2.ed. São Luis: Legenda, 1995, p.143

⁹⁶ *Quem tem medo de Ana Jansen?* – São Luis: [s.n], 2001

⁹⁷ *Perfil de Ana Jansen* – 2 ed.- São Luis: [s.n],1986, p.20. Este livro foi uma biografia consentida pelos descendentes da Ana Jansen, sendo que o autor era amigo da família.

ex-maridos, fez uma grande fortuna que lhe permitiu influenciar politicamente a sociedade.

Constituindo uma forma de matriarcado, numa sociedade cujo seu cerne é patriarcal. “Não houve um Jânsen, no seu tempo que lhe fugisse à tutela. Todos, legítimos ou bastardos, consangüíneos ou afins, obedeciam-lhe cegamente.”⁹⁸ Mas o que surpreendia para época era sua influência política. O partido dos bem-ti-vis estava sob seu comando. Possuía um jornal cujo nome era o Guajajara cuja linguagem era “tremendamente ferina. Aos inimigos da família Jânsen não poupava nada, entrava-lhes pela vida privada e, adulterando as vêzes, trazia tudo para rua — verdades e mentiras”.⁹⁹

Um dos grandes inimigos de Donana foi o comendador Meireles, que mandou confeccionar penicos com a imagem da Rainha do Maranhão para vendê-los. Imediatamente a família Jansen comprou todos, de forma que Meireles não viesse a desconfiar que fora a própria família que os comprou, e a noite, Donana mandou quebrar todos os penicos em frente à casa do seu inimigo.

No que se refere ao tratamento com os escravos, provavelmente Ana Jansen fazia da mesma forma que os demais senhores de escravos. O diferencial talvez fosse o fato de ela ser mulher, e logo, suas atitudes fugiam ao aspecto de sexo frágil que era idealizado numa imagem feminina para a época. Isso não é banal, mas uma afronta aquela sociedade que não poderia passar despercebido.

Ela não deve ter tido um comportamento diferente dos demais proprietários de escravos de sua época, posto que as relações escravistas eram fundadas na violência, independentemente do sexo do escravocrata, isto é, tanto homens como mulheres podiam ser senhores cruéis, e Donana deve ter sido uma escravocrata como tantas outras. Se seus atos de crueldade ficaram conhecidos e os de outro não, deve-se ao destaque que lhes deram seus inimigos¹⁰⁰

Além do mais, inventaram-se muitos exageros para potencializar a tirania contra seus escravos. Pois o tráfico humano não era barato e, logo, não se matava um

⁹⁸ VIVEIROS, Jerônimo José de. *A rainha do Maranhão*—São Luis: Dep. de Cultura do Estado do Maranhão, 1965, p.12

⁹⁹ Idem. Op.cit.,p. 14

¹⁰⁰ RIBEIRO, Gracimar Silva. *Ana Jansen: poder e gênero na política maranhense do século XIX*. São Luís, 1997 – monografia (graduação em história)- UEMA, p. 33-34.

escravo por motivos fúteis como ficou propagado na imagem de Ana Jansen. A história de que os seus escravos se jogavam no chão para que a sua senhora pudesse passar sem sujar seus sapatos de cetim, parece inverossímil, como explicou uma de suas descendentes em entrevista ao programa do Fantástico¹⁰¹, já que para tanto teria que ser uma boa equilibrista.

Ana Jansen não foi a única pessoa que se transformou em personagem lendário. Cascudo relato o caso de Labatut, que “ é um ser enorme, permanentemente faminto, com os pés classificadamente redondos, cabelos compridos e revoltos, corpo vestido e um só olho no meio da testa [...]”¹⁰². Assim é o monstro que, segundo a narrativa, está presente na região fronteira entre o estado do Ceará e o Rio Grande do Norte. Entretanto, trata-se de uma personagem histórica (Pedro Labatut) que foi guardado pela memória coletiva por suas crueldades, vejamos nesta longa citação:

Oficial de Napoleão I, emigrou para a América do Sul, onde, desde 1812, esteve ao lado dos “independentes” em Bogotá, batendo os espanhóis e merecendo honras em toda região. Seu temperamento impetuoso fê-lo desavir-se com vários chefes. Bolívar venceu os espanhóis no alto rio Madalena e Labatut pediu que o castigassem por ter vencido sem ordens. [...] *Continuou lutando e criando mais desafetos que admiradores*. O Governo determinou mandá-lo prender e expulsar do país [Cartagena]. Labatut viajou para a Guiana Francesa (então sob o domínio de Portugal até 1817) e de Caiena se passou para o Brasil. [...] No movimento da Independência ofereceu seus serviços a D. Pedro, Príncipe-Regente. [...] foi enviado comandando reforço militar para a Bahia onde o general português Madeira de Melo resistia ao Príncipe-Regente [...], Labatut venceu em vários encontros, inclusive na batalha de Pirajá (8 de novembro de 1822), **mas espalhava desavenças com todos os membros da junta**, que era o verdadeiro centro da reação cívica, situado em Cachoeira. [...] *Chefes, oficiais, soldados todos, em maioria seria, não o toleravam*. [...] Em junho de 1832 foi mandado para o Ceará, onde Pinto Madeira fazia guerrilhas [venceu a batalha]. [...] Retirou-se à vida particular e veio morar na Bahia, onde faleceu em 24 de setembro de 1849¹⁰³

As características físicas de Labatut assustavam as pessoas: pálido, agigantado, mãos compridas, tudo lembrando um verdadeiro vampiro, mas que foi transformado pela memória coletiva em um monstro a parte.

Ademais, não são somente características dos séculos passados, de transformar pessoas em lendas. No século XX e início desde, muitas são as hipóteses sobre a vida de

¹⁰¹ Esta história estar relatada por ABRANCHES, Dunshee. Dona Ana Jansen. In: MORAES, Jomar (org.). *Ana Jansen, rainha do Maranhão*. São Luis: AML, 1991, p.60-61. O vídeo do Fantástico pode ser encontrado no site: <http://www.youtube.com/watch?v=MFMg3UrNhYk> (15/ 06/ 2011 às 19: 34)

¹⁰² *Geografia do mito brasileiro*, - 3 ed. – São Paulo: Global, 2002 , p. 232

¹⁰³ Idem, op. cit., p. 232-233, grifo nosso

certas pessoas famosas, são tratadas como obscuras. São conceitos outros, porém, como teoria da conspiração e lenda urbana que constroem explicações desta maneira.¹⁰⁴

Mas a partir de que se entende que Ana Jansen não era diferente de outros escravocratas na lida com os escravos, mas por ser mulher a converteram em uma lenda, Ana Jansen se converte de carrasca para vítima. Mas ainda, torna-se uma heroína. Ao analisar os livros que tratam sobre ela a admiração é quase geral: “Diante do exposto, deduzimos que as diferentes imagens que a colocam como sinônimo do mal, são decorrentes de sua ousadia em disputar espaço no universo masculino”¹⁰⁵. Assim ela também será utilizada como ponto de estudo para a questão de gênero, sempre destacando-se seu aspecto de origem pobre, que se torná rica devido o seus casamentos e assim com sua viuvez tornar-se-á uma exímia administradora, tendo controle de bens e influência política. Outro aspecto que se destaca é dele ter tido filhos fora do casamento. Por tudo isso a imagem de Ana Jansen é extremamente chamativa para os novos estudos e curiosamente isso faz dela uma heroína, ainda que isso fique implícito.

A carruagem de Ana Jansen tem a simboliza a conservação da imagem de uma elite escravocrata, mas por outro lado, na visão popular esta lenda apresenta uma acusação a esta mesma elite que fora extremamente violenta com os escravos.

¹⁰⁴ A fama parece ser um terreno fértil para se tentar explicar certos acontecimentos na vida dos famosos de modo obscuro. Exp. seriam: A morte de Tancredo Neves, no imaginário popular teria ocorrido por causa de magia negra encomendada por Sarney, que tomou posse no lugar daquele. Cf. FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. *Encantaria de “Barba Soeiro”*- São Paulo: Siciliano, 2001. Além do muitas há outras lendas urbanas neste sentido, como: Xuxa fez pacto com o demônio para obter sucesso; Michael Jackson não morreu, mas simulou a morte para ser lembrado e lucrar com isso (de fato o lucro dos seus descendentes foi bastante alto, o que não ocorria desde década de 80)

¹⁰⁵ RIBEIRO, Gracimar. Op. cit., p. 51

7. A Manguda

A Manguda é caracterizada como um fantasma que assombra a cidade de São Luís¹⁰⁶. É uma mulher que traça um chambre alvo e comprido, vagando sem razão aparente e assombrando quem a encontra. Outras características são: a fumaça que sai de sua cabeça no momento de sua aparição e a sua espantosa altura, que poderia chegar a se igualar com o das árvores. Vieira Filho a caracteriza sem razão aparente como um tipo de duende.¹⁰⁷

Entretanto, logo se descobriu se tratar de uma estratégia de contrabandistas para manter curiosos longe de seus negócios inescrupulosos.

Deu origem à lenda a farsa idealizada e mandada executar por comerciantes envolvidos no contrabando de mercadorias – principalmente tecidos europeus – introduzidos na praça local sem o pagamento dos tributos devidos.

Para ludibriar a fiscalização, diversos portos alternativos foram usados. Mas a vigilância das autoridades punha em sérios riscos as descargas, não raro descobertas e frustradas por flagrantes e apreensões. O porto do Jenipapeiro, nas imediações da Quinta da Vitória, em que residia o poeta Joaquim de Sousândrade, apresentava-se como excelente opção, já que para lá não se dirigiam as patrulhas de policiamento. As autoridades julgavam desnecessária a providência, considerando o local suficientemente protegido pela guarnição permanente da Penitenciária, localizada onde hoje se acha o Hospital Presidente Dutra.¹⁰⁸

Ademais, a estratégia da Manguda era uma boneca feita por muitas cruzetas, encobertas por um longo pano branco, feito chambre, e que por debaixo ia às mercadorias contrabandeadas. Faziam agigantada, aparecendo entre as árvores do porto do Jenipapeiro. A primeira vez que apareceu, citada em um livro foi no de Jerônimo de Viveiros e demonstra que o pavor era tanto que levou dois sentinelas morrerem literalmente de medo:

Mas o contrabando no porto de São Luís era tarefa difícil: o fisco tinha o olho vivo e o policiamento da cidade bem feito. A mercadoria contrabandada só podia saltar a noite, numa das praias — Genipapeiro, Cajú, Destêrro ou Madre-Deus, além de ter de atravessar ruas, mais ou menos frequentadas. Daí a necessidade de estabelecer o pânico na população. Surgiu, então, um fantasma, que o vulgo batisou com o nome de “Manguda”. Começou a aparecer lá para as bandas do Genipapeiro, nos terrenos da “Quinta da Vitória”, propriedade e residência do solitário poeta Sousândrade, o autor do

¹⁰⁶ Todos os autores que se referiam a esta lenda afirmavam que a difusão da mesma ocorreu no final do século XIX.

¹⁰⁷ *Folclore do Maranhão* --- São Luís: [s.n.], 1976

¹⁰⁸ MORAES, Jomar. *Guia de São Luís do Maranhão*- 2.ed. São Luís: Legenda, 1995, p.144-145.

“Guêsa Errante”. A farça era bem arquitetada. A “Manguda” surgia de uma fumaça e atingia altura fantástica. Transidas de pavor, as sentinelas da cadeia desmaiavam. Chegaram a morrer dois soldados. O medo afastava os transeuntes das tuas e o contrabando passava livremente¹⁰⁹

No programa “vou te contar...”¹¹⁰ foram mostradas outras teorias que não foram apreciadas em outros documentos. Uma destas é que o disfarce da Manguda era também usado por adúlteras para ir à casa de seus amantes (alguns dizem que eram mulheres que iam à casa do padre para ter relações com este). Este programa também apresentou outras versões sobre o nome Manguda, que na maioria dos casos a personagem usa um chambre de mangas compridas. A razão explicada é que o tal ser assustador aparecia nos mangues (que estão abundantes na beirar-mar do centro histórico de São Luís).

De qualquer forma, mesmo depois de se ter descoberto a estratagem, muitos continuaram a acreditar. O mais difundido destes documentos analisados é um caso, que não se pode comprovar se foi verídico, da morte de um soldado, literalmente por medo da Manguda, como evidencia estes poemas:

Era noite e já bem tarde,
Singrava as águas do Anil
Batel veleiro, apressado,
Chegando à praia sutil.

Receosos, caminhavam,
Como se andasse à toa
Espreitando a sentinela,
Postada junto à Camboa

Pobre soldado bisonho,
Aturdido e tresnoitado,
Viu crescer a bicha horrenda

¹⁰⁹ VIVEIROS, Jerônimo. *História do comércio do Maranhão- 1896-1934*. São Luís, [s.n.], 1964, p. 20. Infelizmente Viveiros não indica por quem e quando foi descoberto a farsa

¹¹⁰ VOU TE CONTAR- MANGUDA. Disponível em: <http://vimeo.com/26635735>. Acesso em 16 de jul. de 2013 às 00: 47.

E ficou desnortado.

Saltaram fora os remeiros,
Descarregaram o batel
De fardos, mercadorias
Prestes juntaram o farnel;

Alerta estou! Branda ela,
Quando a Manguda velhaca
Passou-lhe diante dos olhos
Nas costas levando a “maca”.

Não lhe valeu a “Comblain”,
Do sabre nem se lembrou.
Caiu prostrado no chão,
E não mais, - alerta estou!¹¹¹

O outro poema apresentado esta no livro de Vieira Filho:

Na noite do dia seis
Assim nos disse a imprensa
Que se viu uma Manguda
Lá pelo beco da Prensa/

O sentinela de guarda
Quando viu tal Manguda
Quis gritar, porém não pôde
De repente ficou muda

Quis atirar mais não pode
Tremeu e tremeu e caiu
A bicha fez o que quis

¹¹¹ MORAES, Jomar., op.cit., p.145. Este poema é apresentado por Moraes que segundo diz encontrou no livro de J. de Viveiros, de autoria de Luís Domingues, no jornal *A Cruzada*. Mas, no entanto, o Viveiros não especificou a data, nem eu e nem o Moraes encontramos esta referencia.

Em seguida se sumiu

Será possível, leitores,
Que hoje haja a Manguda?
Com tamanha luz elétrica
Pra mim isso não gruda.¹¹²

Este medo apresentado por todos os autores que escreveram sobre a Manguda, parece uma ironia, já que todos temiam este ser, mas se tratava de uma farsa e encaminha-se para o risível. Também José de Arimatea fez um conto em que uma mulher morre só de pensar que está sendo seguida pela Manguda, quando na verdade era um soldado que ia falar com ela.¹¹³

A lenda da Manguda retrata a superstição popular, e medo de “coisas do outro mundo.” Mas também retrata o contrabando realizada no local, sendo que apresentou-se como uma forma criativa de se burlar as leis. Além do mais se apresenta no aspecto moralizante, quando a versão apresentada retrata o adultério ou relação sexuais não bem vista socialmente, mas ainda assim se daria um “jeitinho”.

¹¹² *Folclore do Maranhão* --- São Luis: [s.n], 1976, p.39. Este poema é de autoria Tancredo Cordeiro, no entanto Vieira Filho também não deixou a referência.

¹¹³ COELHO, José de Arimatea Leite. *A Manguda de Flores: contos*. São Luis: Edições SECMA, 2009, p. 33-36.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As lendas tem mantido vivas em seu corpo a memória popular. É evidente que não se trata de um conhecimento científico, mas do conhecimento cultural que molda a identidade social. Este tipo de narrativa é significativo para entender a sociedade em que está presente, sendo passada tal de geração a outra. Por outro lado, estas narrativas foram transcritas e representam agora também uma elite que possui seus símbolos de identidade.

Na *lenda da Praia do Olho D'Água*, por diferentes elementos, percebe-se que é uma narrativa indianista, ou seja, não é um história indígena, como num primeiro momento possa aparentar. Os elementos desta narrativa estão amalgamados com os diversos traços culturais do europeu, do africano e indígena. Elementos que podem ser identificados com um vertente do romantismo brasileiro conhecido como indianista.

A *lenda do Palácio das Lágrimas* é uma narrativa em que se verifica o modo como aconteceu a escravidão negra e o relacionamento afetivo entre senhor de escravo e as escravas e sua descendência; e como se efetuava a herança para os filhos desta relação. Ademais, os senhores temiam o poder da feitiçaria dos descendentes de africanos, ainda que em parte menosprezassem.¹¹⁴

Na *Carruagem de Ana Jansen*, retrata a figura de uma mulher que foi muito importante no cenário político maranhense no século XIX, como foi referido anteriormente. Relação de gênero, feitiçaria; e relação de escravos e senhores, estão presentes nesta lenda, aspectos políticos transformarem a personagem histórica de Ana Jansen numa figura lendária.

E por fim a *Manguda*, conhecida como uma aparição fantasmagórica, mas que, não passava de um grande estrategema de contrabandista, para afastar curiosos dos lugares em que estavam atuando na ilegalidade. Mas ainda assim ficou presente a “assombração” no imaginário popular por um bom tempo, ainda depois de se ter descoberto a farsa.

¹¹⁴ Cf. VIERA FILHO, Domigos. *Folclore brasileiro*: Maranhão. Rio de Janeiro : FUNARTE, 1976.

Com as lendas analisadas podemos perceber a utilidade das mesmas para fazer um discurso de entendimento étnico e de gênero. Além de compreender a sociedade atual e, sobretudo, o seu aspecto histórico. São importantes por se caracterizarem por patrimônios de determinada localidade, sendo inclusive usadas para o turismo. De forma que caracterizam a própria identidade local.

As lendas, apesar de ser uma narrativa que tem como característica um conteúdo inverossímil, devem ser encaradas pelo historiador como um documento histórico que tem sua real importância para se entender a história do Brasil.

REFERÊNCIA

Bibliografia

ABRANCHES, Dunshee. Dona Ana Jansen. In: MORAES, Jomar (org.). *Ana Jansen, rainha do Maranhão*. São Luis: AML, 1991.

ABRANTES, Elizabeth Sousa; SANTOS, Sandra Regina. “Ana Jansen: a mulher e o mito”. In. COSTA, Yuri; GALVES, Marcelo Cheche (orgs.). *Maranhão: ensaios de biografia e história*. São Luís: Café & Lápis; EdUema, 2011.

AMARAL, Ribeiro do. *Fundação do Maranhão* :[memória histórica]. São Luis: AML/EDUEMA, 2008.

ALCOA ALUMÍNIO(MA). *Maranhão*. São Paulo: Alcoa Alumínio, 1981.

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Brasil, história, costumes e lendas*. São Paulo: Editora Três Ltda, 2000.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. *Cultura popular no Brasil* . São Paulo: Editora Ática, 2002.

AZEVEDO, Américo. *O milagre de São José de Ribamar: comédia de costumes em 3 atos e 4 atos*. São Luis: Typ. Da Alfaiataria Teixeira, 1899.

BARING-GOULD, Sabine. *Lobisomens*. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2010.

BARROS, José D’Assunção. *O campo da história: especialidade e abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

_____. *O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BORRALHO, José Henrique de Paula. *A ATHENAS EQUINOCIAL: a literatura e a fundação de um Maranhão no Império brasileiro*. São Luís: Edfunc, 2010.

BRAGA, Pedro. *A ilha afortunada: arquitetura, literatura e antropologia*. São Luis. [s.n] [s.d].

BRAGA, Teófilo. *O Povo Português nos Seus Costumes, Crenças e Tradições: volume I – Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1985.*

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CABRAL, Maria do Socorro Coelho. *Caminhos do gado: conquista e ocupação do sul do Maranhão*. São Luis: SECMA, 1992.

CAVALCANTI, Alberes de Siqueira ... [et al]. *A dimensão educativa do imaginário: imagens e constelações nas lendas de São Luís do Maranhão*. In: BARROS, João D

- Deus Vieira (org.). *Imaginário e Educação: pesquisas e reflexões*. São Luís, EDUFMA, 2008.
- CARR, Edward Hallet. *Que é história?* São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CARRIZO, Silvina. *Fronteiras da imaginação: os românticos brasileiros: mestiçagem e nação*. Niterói: Eduff, 2001.
- CARTER, Angela. *A menina do capuz vermelho e outras histórias de dar medo*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das letras, 2011.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Antologia do folclore brasileiro*, volume 1. São Paulo: Global, 2003.
- _____. *Antologia do folclore brasileiro*, volume 2. São Paulo: Global, 2002.
- _____. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2012.
- _____. *Geografia do mito brasileiro*. São Paulo: Global, 2002.
- _____. *Lendas Brasileiras*. São Paulo: Global, 2001.
- CHAGAS, José. *Alcântara: negociação do azul ou a castração dos anjos*. São Luis: Edições AML/SIOGE, 1994.
- COELHO, Adolfo. *Contos Populares Portugueses*. Alfragide: Leya, 2009.
- COELHO, José de Arimatea Leite. *A Manguda de Flores: contos*. São Luis: Edições SECMA, 2009.
- COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos – mitos – arquétipos*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CORRÊA, Helidacy M. M. *São Luis em festa: o Bumba-meu-boi e a Construção da Identidade Cultural do Maranhão*. São Luís: edUEMA, 2012.
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- DIAS, Gonçalves. *Poemas de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- FERNANDES, Florestan. *O folclore em questão*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FERREIRA, A. B. H. *Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. *Encantaria de “Barba Soeiro”*. São Paulo: Siciliano, 2001.
- _____. *Maranhão Encantado: encantaria maranhense e outras histórias*. São Luis: UEMA Ed. 2000.
- _____. *O caboclo no Tambor de Mina e na dinâmica de um terreiro de São Luis: a casa de Fanti-Ashanti*. São Paulo [s.n.]1991.

- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Eva barbada: Ensaios de Mitologia Medieval*- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- FREITAS, Clodoaldo. *O Palácio das Lágrimas*. São Luis: AML/EDUEMA, 2008.
- FREITAS, Simone M.R. *Lendas do Maranhão*. São Luis: BPBL, 1979.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- FUNDAÇÃO CULTURAL DO MARANHÃO. *Inácio Raposo*. Edição comemorativa do primeiro centenário do seu nascimento (1875- 1975) . São Luis: [s.n], 1975.
- GALVES, Marcelo. *Ao Público sincero e imperial: imprensa e independência do Maranhão (1821-1826)*, Niterói, 2010 – Tese (doutorado em história)- UFF.
- GODÓIS, Antônio B. Barbosa de. *História do Maranhão para uso dos alunos da Escola Normal* . São Luis: AML/EDUEMA , 2008.
- GRIMM, Jacob, 1785-1863. *Contos dos irmãos Grimm/* Organizado, selecionado e prefacionado pela Dra. Cláudia Pinkola Estés. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- GRUZINKI, Sérgio. A criação do imaginário. in: *A Colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México Espanhol (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.
- HERCULANO, Alexandre. *Lendas e narrativas* (volumes I e II). Alfragide: Leya, 2010.
- LACROIX, Maria de L.L. *A fundação francesa de São Luis e os seus mitos*. São Luis: Edufma, 2008.
- LEMOES, Carlos. *O que é patrimônio histórico*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- LISBOA, João Francisco. *Jornal de Tímon II: apontamentos, notícias e observações para servirem à história do Maranhão, 2º volume*. Brasília: Ed. Alhambra, [s.d].
- LURKER, Manfred. – *Dicionário de Simbologia* – 2º ed – São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARQUES, Wilson. *Quem tem medo de Ana Jansen?* São Luis: [s.n], 2001.
- MEGALE, Nilza B. *Folclore brasileiro*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- MEIRELES, Mário M. *História do Maranhão*. São Paulo: Siciliano, 2001.
- MORAES, Jomar (org). *Ana Jansen, rainha do Maranhão*. São Luis : AML, 1991.

- _____. *Guia de São Luis do Maranhão*- 2.ed. São Luis: Legenda, 1995.
- _____. *O rei touro e outras lendas maranhenses*. São Luis: SIOGE, 1980.
- MORAES, José de (Pe.). *História da Companhia de Jesus na extinta Província do Maranhão e Pará*. Rio de Janeiro : IBM Brasil, 1987.
- MONTELLO, Josué. *Cais de Sagração*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- PRATT, Mary Louise [et al]. *Literatura & História: Perspectivas e convergências; organização Luiz Eugênio Vésicio, Pedro Brum Santos*. – Bauru , SP: EDUSC, 1999.
- REIS, José Ribamar Souza dos. **O ABC do bumba-meu-boi do Maranhão**. São Luis:[s.n], 2005.
- _____. *Amostra do populário maranhense: lendas crenças e outras histórias da tradição oral*. São Luis: [s.n], 2008.
- _____. *Folclore maranhense*, informe. São Luis: [s.n], 2004.
- RIBEIRO, Gracimar Silva. *Ana Jansen: poder e gênero na política maranhense do século XIX*. São Luís, 1997 – monografia (graduação em história)- UEMA.
- SANTOS, Maria Januária Vilela. *A balaiada e a insurreição de escravos no Maranhão*. São Paulo: Editora Ática, 1983.
- SANTOS, Pedro Braga dos. *Alcântara- a sociedade da festa do divino*. São Luis: FIAPES, 1980.
- SANTOS, Waldemar. *Perfil de Ana Jansen*. São Luis: [s.n],1986.
- SERRA, Astolfo. O carro de D. Ana Jansen. In. MORAES, Jomar (org.). *Ana Jansen, rainha do Maranhão*.São Luis: AML, 1991.
- SAUTEREAU, François. *Contos e lendas do nascimento de Roma* – trad. Eduardo Brandão – São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SILVA, Márcia Regina de Faria da. *O trágico nas Heroides de Ovídio*. Tese (Doutorado em Letras Clássicas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2008.
- VIEIRA FILHO, Domingos. *Folclore brasileiro: Maranhão*- Rio de Janeiro : FUNARTE, 1976.
- _____. *Folclore do Maranhão*. São Luis: [s.n], 1976.
- VIVEIROS, Jerônimo José de. *A rainha do Maranhão*. São Luis: Dep. de Cultura do Estado do Maranhão, 1965.
- _____. *História do comércio do Maranhão- 1896-1934*. São Luís, [s.n.], 1964.

Jornais e revistas

ALBERTO, Julio. Vento em popa... . *A Cruzada*. 22 de jan. de 1892. p.2.

_____. Vento em popa... . *A Cruzada*. 07 de jan. de 1892. p.2.

BIANA EM REVISTA. *Cidade de Raposa: encantos das águas*. [s.n], ANO I , numero 1, 2007.

DRAGÕES: mitos e verdade: muito além dos mistérios que envolvem uma lenda milenar. São Paulo: Editora Escala, 2009.

FARPAS. *A Cruzada*. 07 de jan. de 1892.

MOTA, Antônia da Silva. O paradoxo do sentimento amoroso nas relações escravistas. *Ciências Humanas em Revista* – São Luis, V.2, n.2, dezembro 2004.

MENTE & CÉREBRO: o lugar da divindade no cérebro — São Paulo: Ediouro Duetto Editorial. Edição número 1, [s.d].

RAPOSO, Inácio. A fonte do bispo --- *Diário de São Luiz* – São Luis, 28 de dez. de 1949.

_____. A imagem de São José de Ribamar --- *Diário de São Luiz* – São Luis, 02 de fev. de 1950. p. 8.

_____. A lenda do Palácio das Lágrimas --- *Diário de São Luiz* – São Luis, 27 de dez. de 1949.

_____. A lenda da serpente --- *Diário de São Luiz* – São Luis, 03 de jan. de 1950. p. 3.

RAPOSO, Inácio. A mãe de lua --- *Diário de São Luiz* – São Luis, 23 de jan. de 1950 . p. 6 .

_____. Lendas do poço de Nazaré--- *Diário de São Luiz* – São Luis, 17 de jan de 1950. p. 3.

_____. Lendas Maranhenses --- *Diário de São Luiz* – São Luis, 8 de jan. de 1950 . p. 4.

_____. Os “Barulhos” do Espírito Santo—*Diário de São Luiz* – São Luis, 15 jan. de 1950. p 5.

_____. O carro misterioso que sai do cemitério --- *Diário de São Luiz* – São Luis, 05 jan de 1950. p. 4.

_____. O cavalinho jaguar --- *Diário de São Luiz* – São Luis, 26 de jan. De 1950. p. 8

_____. O Dragão da Baía de São Marcos --- *Diário de São Luiz* – São Luis.

_____. O encontro da imagem --- *Diário de São Luiz* – São Luis, 12 de jan. de 1950. p. 8.

_____. O navio de João Una e outras lendas --- *Diário de São Luiz* – São Luis, 19 de jan. de 1950. p. 3.

_____. O “rei-touro” --- *Diário de São Luiz* – São Luis, 05 de fev. de 1950. p. 6.

_____. Várias intercessões do demônio --- *Diário de São Luiz* – São Luis, 22 de jan. de 1950. p. 6.

Sites

ADVANCED ANAGRAMMING. Disponível em: <<http://wordsmith.org/anagram/advanced.html>>. Acesso em: 04 de set de 2013 às 14:35.

ANA JANSEN. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=MFmG3UrNhYk>>. Acesso em: 15 jun. de 2013 às 19: 34.

CULTURA MARANHENSE: lendas e mistérios do Maranhão. Disponível em: <<http://www.turismo-ma.com.br/>>. Acesso em: 12 de jan. de 2012 às 00: 33.

NOSSA SENHORA DA VITÓRIA. Disponível em: <http://www.cademeusanto.com.br/NS_da_Vitoria.htm >. Acesso em: 20 de mai. 2013 às 17:45.

O UNIVERSO IMAGINÁRIO MARANHENSE E SUA PRESENÇA NA LITERATURA INFANTO- JUVENIL: LENDAS DE ANA JANSEN. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/o-universo-imaginario-maranhense-e-sua-presenca-na-literatura-infanto-juvenil-lendas-de-ana-jansen/55206/>>. Acesso em : 14 de jul. de 2013 às 22: 40.

LENDAS. Disponível em: < <http://www.turismo.ma.gov.br/pt/>>. Acesso em: 12 de jan. de 2012 às 00:30.

LENDAS MARANHENSES. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=sx9TC2w2-G4> >. Acesso em: 15 jun. 2013 às 19:20.

LENDA DOS OLHOS DE ÁGUA. Disponível em: <<http://www.cm-alcanena.pt/pt/conteudos/concelho/Lendas/Louriceira>>. Acesso em: 12 de out. de 2013 às 15:45.

LENDA DOS OLHOS DE ÁGUA. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/davidjpereira/lenda-dos-olhos-de-gua>>. Acesso em: 12 de out. 2013 às 15:30.

VOU TE CONTAR- MANGUDA. Disponível em: <<http://vimeo.com/26635735>>. Acesso em 16 de jul. de 2013 às 00: 47.